UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JÚLIA MARIA APPI

MULHER, PROFESSORA, MÃE, ESPOSA E AMIGA: NARRATIVA EPISTOLAR DE MARIAMA BÂ

CHAPECÓ
2025

JÚLIA MARIA APPI

MULHER, PROFESSORA, MÃE, ESPOSA E AMIGA: NARRATIVA EPISTOLAR DE MARIAMA BÂ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Profa. Dra. Renilda Vicenzi

CHAPECÓ

2025

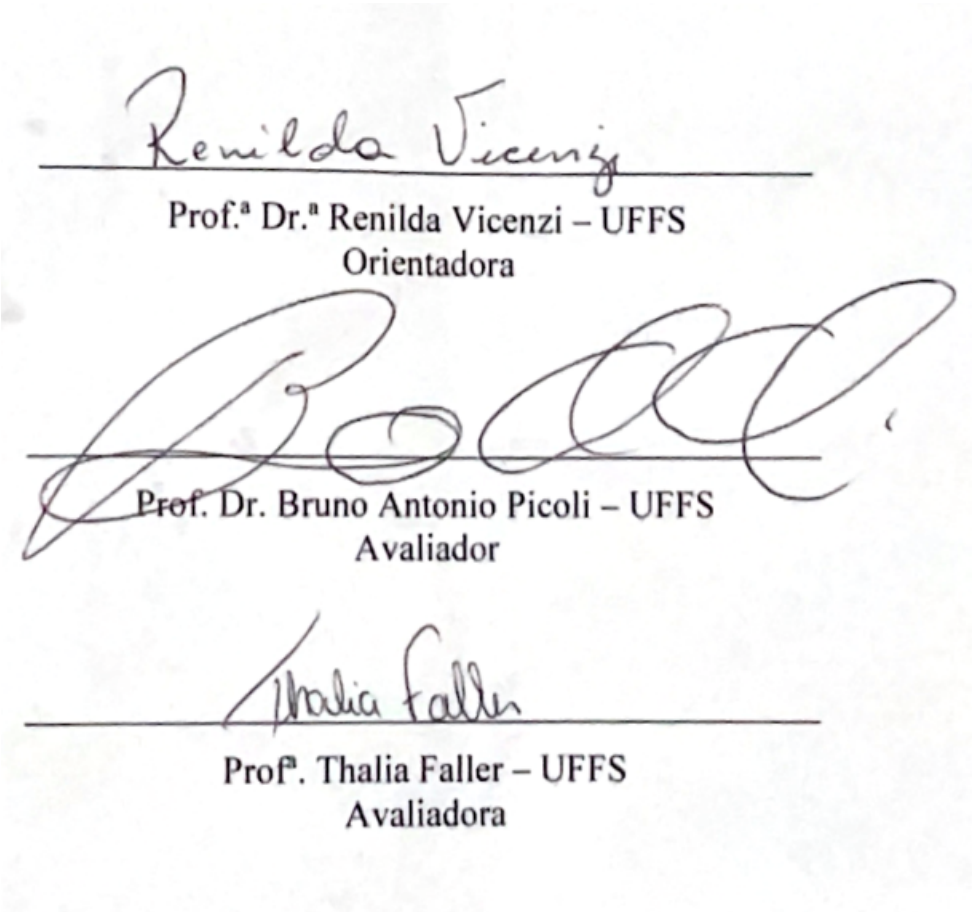
JÚLIA MARIA APPI

Mulher, professora, mãe, esposa e amiga: narrativa epistolar de Mariama Bâ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 14/07/2025.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Renilda Vicenzi – UFFS
Orientadora

Prof. Dr. Bruno Antonio Picoli – UFFS
Avaliador

Profª. Thalia Faller – UFFS
Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Concluir este Trabalho de Conclusão de Curso é, antes de tudo, um ato de resistência, amor e persistência. Representa não apenas o encerramento de uma etapa acadêmica, mas também a realização de um sonho que nasceu há muitos anos, ainda quando eu era apenas uma menina com uma imaginação fértil e uma vontade imensa de ensinar. Lembro com nitidez dos meus oito anos, das tardes em que eu organizava as cadeiras na minha sala simples, em minha casa pequena, e criava, com o coração cheio de entusiasmo, uma sala de aula imaginária. Ali, entre paredes modestas e uma lousa feita de papel, nascia o sonho que me trouxe até aqui: ser professora. Este TCC é, portanto, a materialização de um desejo que me acompanha desde a infância, nutrido pelo amor à educação e pela crença de que o conhecimento é um ato de transformação.

E é por isso que, para mim, é um privilégio imenso que minha pesquisa tenha como base a trajetória de uma educadora, Mariama Bâ. Falar de uma professora, de uma mulher que, através da palavra, transformou o mundo ao seu redor, é como olhar para um espelho distante e reconhecer nele o reflexo do que eu sempre quis ser. A literatura de Bâ, seu compromisso com a liberdade das mulheres e seu amor pela educação ecoam profundamente em mim. Este trabalho não é apenas sobre ela, é também sobre mim, sobre todas as meninas que sonham em ensinar, mesmo sem terem tido professoras que se parecessem com elas nos livros da escola.

Com o coração transbordando, agradeço primeiramente aos meus pais. Vocês são os pilares da minha vida. Se hoje estou aqui, é porque vocês me deram chão, asas e coragem. A cada renúncia que fizeram, a cada conselho silencioso, a cada demonstração de amor e cuidado, vocês me ensinaram sobre dignidade, sobre luta, e principalmente, sobre como é possível resistir e vencer com honestidade e afeto. Este diploma é nosso. Ao meu irmão,

obrigada por ser esse apoio firme e constante. Pelas conversas, pela escuta, pelas risadas nos momentos mais tensos. Em muitos dias, você foi minha ponte para a realidade, o meu abrigo no meio do caos. Sua companhia fez diferença — mais do que você imagina. À minha amiga Ana Paula Sirtuli Pasa, que esteve presente em cada etapa desta jornada — obrigada por cada café compartilhado, por cada desabafo, por cada incentivo. Você viu minha dor, minha alegria e minha confusão, e nunca me deixou sozinha. Obrigada por ser farol nos dias nublados. À minha orientadora, Professora Doutora Renilda Vicenzi, minha mais profunda gratidão. Obrigada por sua escuta atenta, pela sensibilidade com que me acompanhou durante este processo e pela paciência nos meus silêncios. Mais do que uma orientadora, você foi uma inspiração. Sua postura como pesquisadora, educadora e mulher fez eco nas minhas reflexões e me deu forças para seguir. Obrigada por caminhar comigo com firmeza e generosidade. Aos meus colegas de curso, com quem dividi descobertas, leituras, trabalhos madrugada adentro e muitos debates acalorados: vocês tornaram essa caminhada mais rica e menos solitária. Crescemos juntos, caímos juntos, levantamos juntos — e por isso, cada vitória de vocês também é minha. Levo de cada um o aprendizado da coletividade, da escuta e do companheirismo. Aos professores e professoras de história da UFFS, minha sincera gratidão. Cada aula, cada orientação, cada provocação foi uma semente plantada. Obrigada por me desafiar, por acreditar na minha capacidade, e por me oferecerem uma formação crítica e humana. Agradeço também a mim mesma. Pela persistência. Pela coragem de continuar mesmo quando não via saída. Por ser fiel àquela menina de oito anos que organizava cadeiras em casa sonhando com uma sala de aula. Você chegou aqui. Você fez.

E por fim, dedico este trabalho a todas as mulheres que, como Mariama Bâ, escreveram, falaram, ensinaram e resistiram. Que esse trabalho possa ser uma pequena contribuição à luta por mais vozes femininas nos espaços do saber e da literatura. Que outras meninas possam se reconhecer em histórias como a minha e entender que, sim, é possível.

A todos e todas que caminharam comigo — minha eterna gratidão.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar a narrativa epistolar na obra Uma Carta Tão Longa (2023 - Une si longue lettre, 1979), da autora senegalesa Mariama Bâ, como instrumento de denúncia e resistência das mulheres senegalesas no contexto sociocultural do Senegal do século XX. A pesquisa parte da perspectiva de gênero (Oyěwùmí, 2021) para compreender as múltiplas camadas de opressão enfrentadas pelas mulheres africanas, especialmente dentro de estruturas patriarcais marcadas pela poligamia, pela religião islâmica e pelos resquícios do colonialismo francês. A obra de Bâ, traduzida no Brasil em 2023 é um romance epistolar que, por meio da protagonista Ramatoulaye e sua melhor amiga Aissatou, traz à tona temas como o casamento forçado, o silenciamento feminino, a educação, a maternidade e a autonomia da mulher africana. A pesquisa discute também a trajetória de Mariama Bâ como professora, ativista e escritora, evidenciando sua contribuição para a literatura africana de autoria feminina e sua luta pela igualdade de gênero. Para isso, mobilizados os conceitos de gênero da socióloga nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí, que propõe uma crítica ao feminismo ocidental e a necessidade de se pensar as lutas das mulheres africanas dentro de suas próprias tradições e contextos. A metodologia utilizada combina análise bibliográfica e análise literária da obra em questão. Conclui-se que a escrita epistolar de Mariama Bâ se constitui como um espaço de expressão e libertação, sendo um marco na literatura africana e um instrumento potente de denúncia das desigualdades e de valorização da experiência feminina no Senegal.

Palavras-chave: Mariama Bâ. Literatura africana. Poligamia. Gênero. Educação feminina.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the epistolary narrative of the work Uma Carta Tão Longa (2023 - Une si longue lettre, 1979) by Senegalese author Mariama Bâ, as a tool for denunciation and resistance by Senegalese women in the sociocultural context of 20th-century Senegal. The research is based on a gender perspective (Oyěwùmí, 2021) to understand the multiple layers of oppression faced by African women, particularly within patriarchal structures marked by

polygamy, Islamic religion, and the remnants of French colonialism. Bâ's work, translated into Brazilian Portuguese in 2023, is an epistolary novel that, through the protagonist Ramatoulaye and her best friend Aissatou, brings to light themes such as forced marriage, the silencing of women, education, motherhood, and African women's autonomy. The research also discusses Mariama Bâ's trajectory as a teacher, activist, and writer, highlighting her contribution to African women's literature and her struggle for gender equality. To achieve this, the gender concepts of Nigerian sociologist Oyèrónké Oyěwùmí are mobilized, offering a critique of Western feminism and emphasizing the need to address African women's struggles within their own traditions and contexts. The methodology used combines bibliographic research and literary analysis of the work in question. The conclusion is that Mariama Bâ's epistolary writing constitutes a space for expression and liberation, serving as a landmark in African literature and a powerful tool for denouncing inequalities and valuing the female experience in Senegal.

Keywords: Mariama Bâ. African literature. Polygamy. Gender. Female education.

SUMÁRIO

1. **Introdução 10**

2.Cenários de uma jornada: a história e cultura de Mariama Bâ.....18

2.1 Mariama Bâ: a voz pioneira da literatura feminina africana.....18

2.2 Senegal: um olhar sobre suas raízes históricas…..... 24

3. Famílias: um tema em tela na escrita de Mariama Bâ.....30

4. Entre letras e esperanças: caminhos da educação feminina no Senegal……34
4.1 Sussurros e cantos do feminino…….....36
4.2 Ramatoulaye: uma personagem para pensarmos interseccionalmente…….....42
4.2.1 A viúva……...43
4.2.2 A mãe…….43
4.2.3 A amiga……..44
4.2.4 A professora**……...45**

4.2.5 Por entre silêncios, elas semearam……45

5.Considerações finais ……47
Referências 49

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mariama Bâ (1929–1981) 13
Figura 2 – Capa do livro "Uma Carta Tão Longa" 16
Figura 3 – Portão da escola Mariama Bâ – Ilha de Gorée – Senegal 19
Figura 4 – Mariama Bâ e seu marido Obèye Diop em 1958 20
Figura 5 – Mariama Bâ em seu discurso na l'École Normale de Rufisque - 1940 21
Figura 6 – Bâ na criação da Fédération des Associations Féminines du Senegal 22
Figura 7 – Retrato de Mariama Bâ conservado na Maison d'Éducation - 1991 23
Figura 8 – Colégio na Ilha de Gorée – Casa da Educação Mariama Bâ (Foto 1) 24
Figura 9 – Colégio na Ilha de Gorée – Casa da Educação Mariama Bâ (Foto 2) 24
Figura 10 – Mapa do Senegal após independência – 1960 29
Figura 11 – Astou Keita aprendendo na prática em sua escola 34
Figura 12 – Tabela: taxa de alfabetização no Senegal – 2022 36
Figura 13 – Aïssatou Cissé 37
Figura 14 – Mariama Faye 38
Imagem 15: Teopista Birungi Mayanja…….39
Imagem 16: Astou Sagna……..40

1 INTRODUÇÃO

Senegal um país situado na costa ocidental do continente africano, possui como idioma oficial o francês decorrente do colonialismo, e mais uma rica diversidade cultural através das línguas e expressões dos povos que mantiveram seus idiomas locais, preservando em grande parte oralmente as tradições, culturas, como os povos wolof e hall-pular. Nesta pesquisa é a literatura senegalesa através da narrativa epistolar de Mariama Bâ, "Uma Carta Tão Longa" (2023), que oferece uma janela para as experiências vividas pelas mulheres na sociedade do Senegal durante os anos de 1970, onde passavam por diversas transformações políticas, econômicas e culturais que analisamos. Em um discurso feito em março de 1979, comemorando o Dia Internacional da Mulher, Mariama se posiciona a respeito da situação da mulher em África, especialmente no Senegal:

> Eu gostaria de repercutir sem raiva, mas com retumbante eco todas as vozes sufocadas e estranguladas das irmãs oprimidas, das irmãs mantidas nos moldes do progresso oprimido, que tem as cabeças repletas de maternidades descontroladas e de todas as fadigas cotidianas. E essas mulheres, moldadas de modéstia e de dignidade, constituem a esperança de sobrevivência moral, em nossas angústias e nossos questionamentos (Ndiaye, 2007 p.22).

Contemporâneo a seu discurso, a sociedade narrada na obra, fonte desta pesquisa, em que a autora (Mariama Bâ) descreve o modelo de família patriarcal, onde a mulher é tida somente como meio de reprodução, e é controlada pelos homens, limitadas às esferas do lar. É importante destacar que nos anos de 1945, as mulheres conquistaram o direito do voto, o Senegal era então uma colônia francesa, e o voto para as mulheres foi concedido como parte de uma série de reformas políticas implementadas após a Segunda Guerra Mundial, considerando que se tornaram um eleitorado importante, embora não participassem ativamente no comando das esferas políticas, e após a independência do Senegal, no ano de 1960 as mulheres e sua emancipação tornaram-se questões prioritárias no país.

Léopold Sédar Senghor, primeiro presidente e que governou Senegal de 1960 a 1980, inspirado nas posições progressistas da época, nomeou em 1978 a primeira mulher deputada, Caroline Diop Faye, professora que posteriormente se tornou ministra da Ação Social em 1980. As mulheres contribuíram ativamente na política do período, com organizações em prol da emancipação feminina.

Durante os processos de descolonização as mulheres estiveram mais presentes em grupos sindicalistas, muitos se fundindo com partidos políticos como o caso da Union des Femmes Sénégalaises (UFS), que se uniu ao partido Unión Progressiste Sénégalaise (UPS), em 1960. No entanto, Mariama Bâ, acreditava que os partidos políticos não representavam suas reais preocupações e através de sua obra expressa com a voz da personagem Ramatoulaye narra o contexto histórico de luta por autonomia feminina.

Mariama Bâ foi a primeira mulher a apresentar em forma literária as realidades vividas pelas mulheres na África Ocidental Francesa após a independência, tornando-se conhecida internacionalmente. Uma mulher que vivera em uma sociedade patriarcal, colonialista, a escrita representa um ato revolucionário.

A escolha da minha pesquisa e da minha fonte surge tanto de um interesse acadêmico quanto pessoal. A obra de Mariama Bâ, “Uma Carta Tão Longa” (2023), não apenas ilumina as dificuldades enfrentadas pelas mulheres senegalesas, mas também ressoa com minha própria busca por compreender a narrativa feminina em contextos marginalizados, assim como a representação feminina na literatura africana.

Desde que iniciei o Curso de História fui atraída por questões de identidade, gênero e cultura, e a obra de Bâ entendo ser uma voz para estas questões. Assim, busco através da perspectiva de uma mulher que nasceu e viveu parte de sua vida em uma colônia francesa na África, que após a independência, passou a ser a República do Senegal, mergulhar em suas vivências abordadas na narrativa epistolar, em um espaço onde ficção e a realidade se conectam.

É durante a segunda metade do século XX que as mulheres passaram a adentrar com maior força e resistência os espaços literários no atual território do Senegal. Embora essas mulheres tenham crescido em um Senegal colonial, onde a privação de oportunidade se dá porque muitas dessas mulheres não puderam ter acesso à educação, apenas ensinamentos tradicionalistas voltados para o lar, elas passam a buscar muito mais do que isso, e a partir de 1970 começam a se fazer presente na imprensa. Milolo Kembe (1986) afirma que isso se dá por conta das tradições familiares e religiosas enraizadas na sociedade, onde a educação e o universo feminino foram mantidos distantes por muito tempo, e a quebra desse “muro” através da literatura, mostra o tamanho de sua importância.

> É a partir dessa produção, vista como tardia, que escritoras passaram a lutar por um lugar na literatura, dando ênfase aos dilemas que enfrentam, tendo temas como o casamento forçado, a poligamia, a opressão, a falta de acesso à educação como focos de suas obras. (Souza; Pinheiro, 2023, p.73).

A literatura africana surge como vozes insurgentes, assim como Mariama Bâ no Senegal e Paulina Chiziane[1] em Moçambique, ambas fazem da escrita seu ato revolucionário, onde discutem a opressão, dominação tendo na literatura sua arma principal para lutar em prol da liberdade feminina.

Mariama Bâ, nos anos 1970-80, uma das poucas mulheres que puderam alcançar uma formação acadêmica, passa através da sua escrita a lutar para que outras mulheres possam ter acesso à educação, ela a primeira mulher a publicar um romance epistolar no Senegal, se concentrando principalmente na poligamia e trazendo com a sua personagem a emoção da escrita libertadora. A luta de mulheres como Bâ e Chiziane, foge aos conceitos eurocêntricos sobre feminismo e lutas femininas, esclarecendo que o feminismo não é homogêneo, e que dele as vertentes se diferenciam dependendo de questões geográficas, sociais, políticas, econômicas e raciais.

O feminismo ocidental não consegue se enquadrar as realidades africanas como relata a socióloga nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021). Para Oyèrónkẹ Oyěwùmí o feminismo eurocêntrico possui uma base individual de luta política, enquanto as bases africanas são coletivas, familiares que se diferenciam, como diversos outros fatores que impedem que o feminismo seja único.

As literaturas como um todo, carregam em suas páginas a cultura de um povo, e na de Mariama Bâ, nos transmite a cultura senegalesa e como as mulheres estão inseridas na mesma, se tornando uma forma de comunicação imprescindível, um encontro entre escritor e leitor, entre ficção e realidade, entre uma língua e outra e sobretudo entre um povo e outro.

> A obra de Mariama Bâ atingiu em África. Esse impacto tornou-se significativo no mundo feminino: contribuiu com a conscientização das mulheres em relação ao silêncio que são condicionadas, evidenciando o quanto precisam quebrar barreiras que as impedem de ascender socialmente. (Souza; Pinheiro 2023, p.77).

. Os objetivos específicos são: a) descrever o contexto histórico e cultural da África Ocidental Francesa, em específico, do Senegal durante o período em que a obra foi escrita; b) examinar como Bâ representa os desafios enfrentados por mulheres no Senegal; c) analisar como para a

[1] Indico ver: CHIZIANE, Pauline. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Editorial Caminho, 1990.
CHIZIANE, Pauline. **Ventos do apocalipse**. Lisboa: Editorial Caminho, 2000

protagonista da fonte a escrita surge como um ato de resistência para a época, desafiando as normas sociais.

Para melhor compreensão da escrita de Bâ, apresento-a brevemente:

Mariama Bâ nasceu em Dakar, no dia 17 de abril de 1929, filha de Fatou Kiné Gaye e de Amadou Bâ, foi criada/educada pelos avós mulçumanos após a morte de sua mãe, que se fora ainda quando a escritora era muito pequena. Seus avós seguiram a cultura tradicional, sua educação baseava-se em valores estruturados em castas. Seu pai, um nobre da classe média, funcionário público, político, primeiro ministro da saúde pública e da população em 1956, quatro anos antes da independência senegalesa, transmitiu à filha seus valores liberais.

Apesar da educação de Mariama Bâ, ter sido baseada em valores islâmicos, foi matriculada pelo pai na Escola francesa e na Escola Normal das Jovens de Rufique, concluindo seus estudos em 1943. Logo após, em resultado de seu brilhante percurso escolar, prosseguiu sua educação quando obteve uma bolsa no Liceu Van Vollenhonven. Posteriormente, se tornou professora, lecionando por cerca de doze anos consecutivos. Pensando em sua vida pessoal, seu primeiro casamento foi com Bassirou Ndiaye, em 1971, a qual se separou quatro anos depois por incompatibilidade de seus ideais, eles tiveram três filhos. Seu segundo casamento fora com o médico Ablaye Ndiaye, se divorciando posteriormente, seu terceiro e último matrimônio se deu com Obéye Diop, a qual suas ideias revolucionárias se pareciam com as de Bâ, ele sendo um socialista e militante, que a enxergava como uma mulher obstinada e inteligente.

Foi a partir de 1968, que Bâ se envolveu diretamente nas lutas em prol dos direitos das mulheres, onde passou a discutir e combater aspectos sociais como a poligamia e as castas, tornando-se porta voz das mulheres senegalesas, na luta a favor da igualdade de gêneros, auxiliando na criação da Fédération des Associations de Femmes Sénégalaises (FAFS), em 1977. Mariama Bâ morreu em 1981, dois anos após a publicação do seu primeiro romance, "Une si longue lettre", em 1979.

Imagem 1: Mariama Bâ (1929-1981)

Disponível em: https://www.nytimes.com/2024/10/11/obituaries/mariama-ba-overlooked.html.

Sobre a obra Uma Carta Tão Longa (2023) e na busca pelo estado do conhecimento ou pesquisas que circundam o objetivo proposto nesta pesquisa, destacamos brevemente a seguir, entre outras, a pesquisa de Sunday Adetunji Bamisile (2012), em sua tese vai dizer que a obra de Bâ, apesar de se tratar de uma mulher senegalesa, também está atrelada a um âmbito universal embora não fuja de seu lar, a autora traz que para escrever sobre um povo, precisa pertencer a ele, e é isso que Mariama Bâ faz muito bem. Também, que a obra por ser em forma epistolar trás o leitor para mais perto. Além disso, a escrita de Bâ relata o cotidiano dessas mulheres misturando os personagens com as reais realidades vividas. Bamisile enfatiza que "as mulheres possuem um dom especial para a expressão epistolar, o que leva a que as suas cartas tenham uma qualidade natural, cujo nível os homens só conseguem equiparar à custa de muito esforço". (2012, p. 46).

De acordo com Ineildes Calheiro e Eduardo David Oliveira (2018) a obra de Bâ relata com destreza a poligamia no Senegal, os homens legalmente podem ter um total de quatro mulheres, e que as mesmas não possuem esse direito, pelo contrário, precisam estar completamente comprometidas com o seu marido, filhos e lar, além disso, precisam muitas vezes conviver com as segundas, terceiras ou quartas esposas.

> Apesar da lei proibir tratamento desigual para com as mulheres na estrutura poligâmica, desconsideram a subjetividade e os processos inerentes à humanidade, como, por exemplo, o sentimento, evidenciando o machismo e despontando um tipo de masculinidade forçada por essa complexidade cultural. (Calheiro; Oliveira, 2018, p.100).

O artigo “A longa carta de Mariama Bâ e a escrita de si” (2023), de Alexandra Almeida, Goiandira Ortiz de Camargo e Philippe Humblé, examinam a escrita da autora e buscam a partir dela uma reflexão a respeito da sociedade. Ana Luísa Melo Loiola, também trabalha em sua pesquisa “Feminismo e poligamia no Senegal pós-colônia: uma investigação acerca da obra “*Une si longue lettre*” de Mariama Bâ (2019), questões de como a literatura africana feminina foi utilizada como revolta e denúncia da realidade vivida pelas mulheres.

As narrativas epistolares são um formato literário em que a história é contada através de cartas, diários ou outros documentos escritos, como nesse caso a fonte dessa pesquisa. Esse estilo permite uma perspectiva íntima e pessoal, já que os leitores têm acesso direto aos pensamentos e sentimentos dos personagens. Muitas vezes, esse formato é utilizado para explorar temas como amor, amizade, conflitos sociais e questões de identidade. As narrativas epistolares também são importantes para a compreensão do contexto histórico e cultural, podendo captar a linguagem da época, as preocupações sociais e políticas, assim como determinada sociedade.

Esse formato literário faz com que as experiências trazidas pela personagem se tornem um processo de cura para a autora e para todas as mulheres senegalesas, pois nas linhas e entrelinhas a subjetividade, a revolução se exprime, e cada ponto citado acima se faz perceber a relevância histórica da fonte escolhida para essa pesquisa. Michel Foucault vai dizer sobre o gênero literário epistolar é “a carta torna o escritor ‘presente’ para aquele a quem ele a envia. E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, suas aventuras e desventuras; presente com uma espécie de presença imediata e quase física” (Foucault, 1983, p.156).

Sobre o conceito de gênero proposto pela socióloga nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí para compreensão do ser mulher a partir da narrativa de Mariama Bâ, argumenta que as tradições africanas possuem suas próprias construções sociais, diferentes do feminismo branco e ocidental. Oyěwùmí aborda que gênero é “antes de tudo uma construção sociocultural” (Oyěwùmí, 2004, p.2). Em sua obra A Invenção das Mulheres (2021) discute as diferenças óbvias do estudo de gênero na África e o estudo de gênero ocidental.

Segundo Oyěwùmí, o ocidente atribui o corpo feminino ao social e o masculino ao poder, diferenciado o continente africano antes da colonização europeia, onde o poder era definido pela idade, não pelo seu gênero, principalmente para o povo Yorubá, onde havia uma interdependência entre os sexos. Ela sugere que ao impor categorias ocidentais de gênero pode distorcer a compreensão das realidades sociais africanas, também critica como o feminismo ocidental marginaliza as experiências vividas por mulheres africanas, quando utiliza suas teorias

de forma imutável e única no mundo, sem buscar entender que cada povo e cultura possuem seu próprio discurso de gênero a qual é representado.

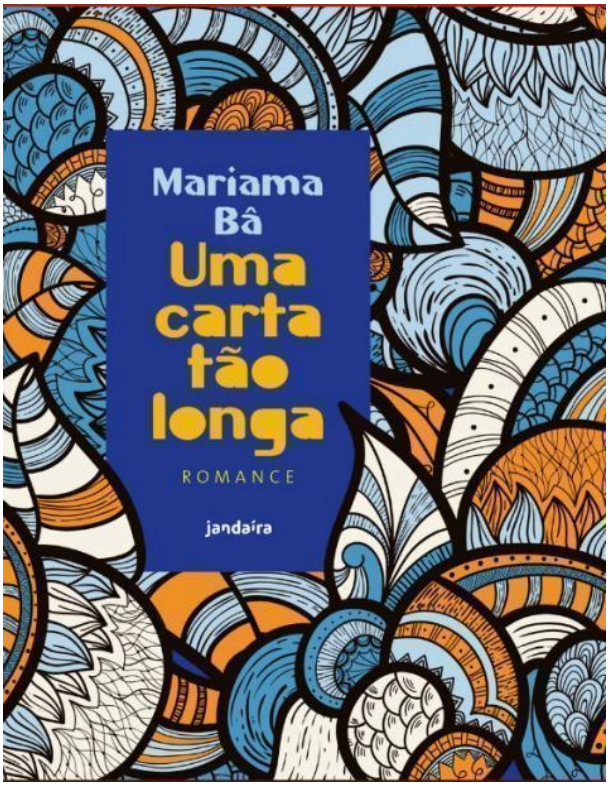
> O processo colonial foi diferenciado por sexo, na medida em que os colonizadores eram machos e usaram a identidade de gênero para determinar a política. Pelo exposto, fica explícito que qualquer discussão sobre hierarquia na situação colonial, além de empregar a raça como base das distinções, deve levar em conta seu forte componente de gênero. (Oyěwùmí, 2021, p.314).

Ainda, na pesquisa a literatura e a história "caminharam" juntas, em entrevista Sidney Chalhoub[2] discute a relação entre história e literatura, enfatizando como ambas as áreas podem dialogar e enriquecer a compreensão de processos sociais, políticos e econômicos de um povo na historiografia, argumentando que a historiografia não apenas se dá por documentos históricos, mas também por representações literárias, tornando-se uma ferramenta poderosa para entender as experiências humanas e sociais, de determinada época e lugar, partindo dessa perspectiva literária para se ter uma interpretação mais profunda dos fatos.

"Uma Carta Tão Longa", foi publicada em 1979, em Dakar - Senegal, chegando ao Brasil traduzida somente em julho de 2023, pela editora Jandaíra. Originalmente publicada como "Une si longue lettre", tendo 175 páginas, na versão brasileira dispúnhamos de 157 páginas, dividida em três partes, passado, presente e como o futuro se dará, trazendo consigo as reflexões de cada período com relação a mulher senegalesa. Pode-se descrever como uma leitura breve, no entanto, reflexiva, impactante e revolucionária.

Imagem 2: Capa do Livro

[2] Entrevista disponível: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11448/6561. Acesso em: 28 nov de 2024



Acervo da autora (2024)

O enredo da obra é sobre duas amigas, dois destinos diferentes, Ramatoulaye e Aissatou, ambas protagonistas, sendo filhas, mães, mulheres e insurgentes, que através de suas cartas, narram os processos e dificuldades familiares, amorosas, sociais, econômicas e políticas, engrenadas pelas mulheres senegalesas durante o século XX.

O livro inicia com uma breve introdução à qual Ramatoulaye escreve para sua amiga Aissatou quando seu marido faleceu, fazendo com que ao escrever a carta grandes memórias viessem a sua mente, desde quando pequena, até a atualidade. Os melhores momentos ao lado do seu marido Moudou Fall e também os piores momentos, como por exemplo quando ele resolve ter uma segunda esposa, mais jovens e que até poderia ser sua filha. A protagonista descreve em carta como aquilo a magoou, e como agora precisa cuidar de doze filhos, com graves problemas econômicos, e que apesar de ser uma mulher com um curso superior e ter certa autonomia econômica, se sente incapaz de se libertar contra a cultura que a vê como incapaz, e submissa aos preceitos religiosos islâmicos, quando se trata de casamento. Também relata sentir orgulho da amiga, Aissatou, que se divorciou quando o marido resolveu ter uma segunda esposa. A narrativa seguirá uma ordem cronológica dos fatos, desde o velório quando precisa conviver com a segunda esposa de seu marido até o fim do luto.

Utilizando da técnica epistolar, Bâ defende a causa feminina, quebrando o silêncio em uma sociedade patriarcal, levantando questões como gênero, a divisão do trabalho, as desigualdades sociais, e como as questões poligâmicas afetam as mulheres dessa sociedade, abordando como a religião reforçava as práticas de subordinação feminina. Uma Carta Tão Longa não é uma obra autobiografia, mas certament, muitas das experiências vividas por Mariama Bâ foram indicadas no decorrer das linhas e páginas, Ramatoulaye pode representar a escritora Mariama Bâ ao denunciar a condição da mulher senegalesa.

O presente trabalho monográfico apresenta os objetivos, a justificativa e a metodologia da pesquisa, situando o leitor no contexto sociocultural do Senegal e na importância da narrativa epistolar como forma de resistência feminina, sendo que no primeiro capítulo se estabelece os fundamentos históricos, literários e teóricos que sustentam a análise sobre a obra de Mariama Bâ como um instrumento de luta e valorização da mulher senegalesa no século XX. O segundo capítulo dedica-se à contextualização histórica e biográfica, explorando a trajetória de Mariama Bâ enquanto educadora, escritora e militante, bem como os aspectos históricos do Senegal antes e após o colonialismo francês. No terceiro capítulo, são analisadas as estruturas familiares retratadas na obra, evidenciando como a poligamia, a tradição e a religiosidade moldam os papéis femininos no espaço doméstico e social. O quarto capítulo foca na educação das mulheres senegalesas, integrando depoimentos contemporâneos com a análise da personagem Ramatoulaye sob múltiplas facetas – mãe, professora, viúva e amiga – refletindo as tensões entre tradição e emancipação. Por fim, as reflexões finais ao evidenciar como a escrita de Mariama Bâ se configura como um instrumento de denúncia e libertação, reafirmando seu papel central na construção de uma literatura africana de autoria feminina comprometida com a transformação social.

2. CENÁRIOS DE UMA JORNADA: A HISTÓRIA E CULTURA DE MARIAMA BÂ

Será abordado a seguir os pontos principais da trajetória de Mariama Bâ, desde a sua infância até a sua morte, contextualizando com o período histórico em que ela viveu, e como a literatura torna-se uma de suas formas de lutar pela igualdade de gênero no Senegal.

2.1 Mariama Bâ: a voz pioneira da literatura feminina africana

Mariama Bâ foi de suma importância para a literatura africana, com sua obra apresentada nessa pesquisa, reflete as questões sociais, políticas e culturais do Senegal e da África Ocidental. Vinda de uma considerada casta nobre e seguindo os preceitos religiosos islâmicos, a escritora, educadora e revolucionária soube como conciliar os conhecimentos tradicionais trazidos por sua avó materna, e a determinação do pai em fazer com que Bâ fosse a escola e buscasse por conhecimentos para além do lar. Sobre seu pai ela diz:

> O que devo ao meu pai: Além da minha escolaridade, o meu pai fortaleceu a minha educação. Um homem comprometido, mas também das letras, meu pai me ensinou a ler. Uma enxurrada de livros acompanhou o seu regresso a casa. Foi com ele que aprendi a me expressar oralmente. Ele queria que eu recitasse em francês o que eu havia aprendido e nunca se cansava de me parar e me corrigir. Tenho uma lembrança vívida de Dahomey (agora Benin), onde ele me levou com ele e onde ficamos muito tempo por causa da Segunda Guerra Mundial. O que devo à minha avó: Uma fé religiosa e um forte senso de virtude e honra. Omitirei os detalhes chatos da vida de uma professora da escola primária, de uma esposa e de uma mãe. (Bâ, 1981[3]).

Sua primeira escola foi a *l'école des fille*, a qual logo tornou-se uma aluna de destaque e estava preparada para mudar da escola para a vida profissionalizante e dessa forma ingressou na *l'École Normale de Jeune Filles de Rufisque,* em 1943, se tornando uma professora. Sua avó acreditava que Mariama deveria aprender como ser uma boa esposa e se preparar para o casamento, mas por influência paterna, Bâ pode se libertar de tal tradição, sem desrespeitar sua avó, pois a escritora acreditava que quando se aprende algo a vida toda é difícil transformar o pensamento por completo. Na mesma entrevista Bâ relata:

> Tive a sorte de frequentar a escola francesa (que agora é a Escola Berthe Maubert na Avenida Albert Sarraut) graças à perseverança do meu pai que, sempre que tinha férias, vinha implorar aos meus avós que continuassem a conceder-lhe esse favor. Durante as férias escolares, continuei meus estudos corânicos na residência do falecido Amadou Lamine Diene, que ficava na Route de Bel Air. Ele se tornou o imã da mesquita principal em Dacar, e seu sobrinho, o atual imã, El Hadji Mawdo Sylla, foi meu professor. O fato de eu ir à escola não me livrou das tarefas domésticas que as meninas tinham que fazer. Eu tinha minha vez de cozinhar e lavar louça. Aprendi a lavar minha própria roupa e a manejar o pilão porque, temia-se, "você nunca sabe o que o futuro pode trazer!" Nossa casa de família (ela ainda existe, tem vista para o oceano no número 5 da Rue Armand Angrand antes da estrada para o Matadouro; como essa estrada levava ao Matadouro, ela fica de frente para o mar) é como um complexo à moda antiga, mas com prédios de cimento. Há quatro ao redor de um vasto quintal com uma mesquita no centro que sempre atrai muitas pessoas na hora da oração. Você sempre podia ver pessoas cegas e mutiladas em nosso quintal o dia todo porque o avô cuidava delas. Era uma vida comunitária com primos, tias, tios e seus maridos e esposas. Fui a primeira a fazer as coisas de forma diferente, mas desde então primos e primas seguiram meus passos. A Sra. Berthe Maubert na escola primária (5ª série) que nos deu aulas depois do horário para que sua escola obtivesse as maiores honras no Exame de Certificado da Escola Primária. Ela me ensinou as regras gramaticais que regem a ortografia de uma forma que não consigo esquecê-las. Posso ouvir o som de sua voz até hoje. Um ano após o Exame de Certificado da Escola Primária em 1943, tive a alegria de ficar em

[3] Entrevista disponível em: https://www.icwa.org/wp-content/uploads/2015/09/BHB-17.pdf. Acesso em: : 28 nov de 2024.

> primeiro lugar na África Ocidental Francesa no exame competitivo para entrada na *École Normale* em Rufisque. Meu pai estava em Niamey e a Sra. Berthe Maubert teve a tarefa solitária de superar a resistência da minha família que estava farta de "todas essas idas e vindas na estrada para lugar nenhum". (Bâ, 1981[4])

Bâ exerceu a profissão de professora por 12 anos consecutivos, só sendo afastada por motivos de saúde, vinte e nove anos depois de deixar a *l'École Normale de Jeune Filles de Rufisque,* foi homenageada, refletindo a importância de seu trabalho. Atualmente a mais conhecida escola para meninas no Senegal leva o nome de Mariama Bâ, e toda a sua história.

Imagem 3: Portão escola Mariama Bâ – Ilha de Gorée – Senegal

Acervo pessoal da Profª Dra. Renilda Vicenzi

Após deixar *l'École Normale de Rufisque,* Bâ conheceu seu primeiro marido, Bissarau com quem teve três filhos, quatro anos depois se separa por não compactuar dos mesmos ideais. Alguns anos se passam e a romancista conhece o seu segundo marido com quem teve mais uma filha, que não sobreviveu após nascimento prematuro e praticamente pelos mesmos motivos volta a se separar. Foi durante o clima de independência no Senegal que Mariama Bâ conhece Obèye Diop com quem passou a se relacionar amorosamente se casando pela terceira vez. Os ideais sobre política e sociedade se encontram em um mesmo ritmo para ambos, pois Bâ acreditava no

[4] Entrevista disponível em: https://www.icwa.org/wp-content/uploads/2015/09/BHB-17.pdf. Acesso em: : 28 nov de 2024.

feminismo africano, lutando neste momento para melhores salários para as mulheres, direitos para a maternidade, e pelo fim da violência para com as mulheres.

Imagem 4: Mariama Bâ e o seu marido Obèye Diop em 1958.

Disponível em: https://fr.m.wikipedia.org/wiki/Fichier:Mariama_B%C3%A2_et_son_mari_Ob%C3%A8ye_Diop_vers_1958_Unesco_Domaine_public.jpg. Acesso em: 19 set de 2024.

A seguir temos uma imagem de Mariama Bâ durante seu discurso na L´Ecole Normale de Rufisque, escola em que ela trabalhou e enfatizou a importância de estudar a cultura local senegalesa e aprender as línguas locais para fugir do processo colonizador. Assim, como demonstrou a importância da educação para as mulheres, para que elas possam escolher seus destinos e possuir suas próprias opiniões, carregando consigo o peso de ser uma das poucas mulheres que conseguiram estudar, sua motivação se dava em inspirar todas as mulheres.

Imagem 5: Mariama Bâ em seu discurso na l'École normale de Rufisque - 1940

Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mariama_B%C3%A2_%C3%A0_l%27%C3%89cole_normale_de_Rufisque.jpg. Acesso em: 29 set de 2024.

A escritora esteve presente na linha de frente das lutas femininas, tanto políticas como sociais, membro importante da Federação das Associações Femininas do Senegal (FAFS)[5], também fora presidente no círculo feminino, assim como secretária do *Club Soroptimiste* de Dakar, além de lutar todos os dias pela educação para as mulheres desde a sua infância.

Imagem 6: Bâ na criação da Fédération des Associations Féminines du Senegal (FAFS)-1977.

[5] A FAFS foi criada entre as décadas de 1970 e 1980 como uma resposta organizada às necessidades e desafios enfrentados pelas mulheres senegalesas. O movimento feminista no Senegal começou a ganhar força, impulsionado por uma crescente conscientização sobre os direitos das mulheres, educação e saúde. Trabalhou para garantir que as mulheres tivessem acesso a seus direitos legais e sociais, lutando contra discriminações de gênero, também realizou campanhas de conscientização sobre questões como violência de gênero, saúde reprodutiva e educação das meninas. A FAFS representou e representa um movimento vital para o progresso social no Senegal, promovendo a solidariedade entre as mulheres e trabalhando em direção à igualdade.
Fonte:http://courantsdefemmes.free.fr/Assoces/Senegal/FAFS/fafs_senegal.html#:~:text=La%20FAFS%20est%20une %20organisation,de%2035%20membres%20par%20association. Acesso em: 29 set de 2024.

Mariama Bâ ao canto esquerdo da foto, usando óculos. Disponível em: http://panosmedia.org/fr/femmes-occupez-les-medias/articles/dossierla-politisation-des-organisations-feminines-de-base. Acesso em 29 set de 2024.

Após ganhar o prêmio Noma[6] e retornar de Frankfurt em 1980, Bâ passou a sentir os primeiros sintomas de seu câncer no pulmão. Logo seu mental ficou afetado passando a escrever muito sobre a morte, relatada pela sua filha no livro "*Mariama Bâ ou les allées d'un destin*" - "Mariama Bâ os caminhos de um destino" (Ndiaye, 2007).

Mariama Bâ faleceu no dia 17 de agosto de 1981, enterrada no dia seguinte com a presença de milhares de fãs. Escritora romancista, educadora e ativista em prol das mulheres senegalesas, seu legado vive presente no Senegal, a inspirar demais mulheres em busca desta libertação social, política e cultural.

Um de seus legados está materializado na educação.

Imagem 7: Retrato de Mariama Bâ conservado na Maison d' Education - 1991.

[6] O prêmio Noma foi criado em 1979 pelo então presidente da editora japonesa Kodansha, Shōichi Noma, o prêmio visava fomentar e reconhecer a produção literária no continente africano. A distinção contemplava várias categorias, entre elas literatura geral, premiando obras escritas em línguas africanas ou europeias por autores africanos.

Fotografia de Édouard Joubeaud.

Disponível em: https://webarchive.unesco.org/20240314025527/https://en.unesco.org/womeninafrica/mariama-bâ/biography. Acesso em: 29 set de 2024

Uma mulher e uma grande história, ao visitar a Ilha de Gorée[7] encontramos a escola de educação feminina Ministere del L'Education Nationale/ Ia Dakar Lycee D' Excellence Mariama Bâ, hoje muitas jovens inspiradas nos seus ideais, nos seus atos revolucionários através da educação, da literatura, da escrita, da inquietude para com o patriarcado, assim, Bâ é inspiração, revolução e legado para as meninas e mulheres que estudam na Ilha de Gorée, e do mundo que viverá por muito tempo marginalizados.

Imagem 8: Colégio na Ilha de Gorée - Casa da Educação Mariama Bâ

[7]A Ilha de Gorée, situada ao largo da costa de Dakar, no Senegal, constitui um dos símbolos mais emblemáticos do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas. Durante os séculos XV ao XIX, foi utilizada como entreposto colonial por potências europeias, especialmente pelos franceses, servindo como ponto de confinamento e embarque de africanos escravizados rumo às Américas. Patrimônio Mundial da UNESCO desde 1978, a ilha preserva edificações como a Casa dos Escravos, cuja arquitetura e memória evocam os horrores da escravidão e o impacto duradouro do colonialismo na África Ocidental. Hoje, Gorée é também espaço de resistência e memória, fundamental para compreender os processos de diáspora africana e os legados históricos da violência colonial.

Disponível em: http://www.mariamaba.education/index.php/79-template-details/advanced-stuff . Acesso em: 31 set de 2024.

Imagem 9: Colégio na Ilha de Gorée - Casa da Educação Mariama Bâ

Acervo pessoal da Profª Dra Renilda Vicenzi

2.2 Senegal: um olhar sobre suas raízes históricas

O patriarcado, enquanto conceito ocidental e predominante no processo colonialista é uma estrutura social predominante que se impôs nas sociedades da África Ocidental, onde os homens geralmente ocupam posições de poder e autoridade tanto no âmbito familiar, quanto na comunidade. Essa estrutura impacta diretamente a educação e as oportunidades das mulheres, em muitas comunidades, as meninas podem ter menos acesso à educação formal ocidental do que os meninos. Isso se deve a várias razões, incluindo expectativas sociais que priorizam a educação

dos filhos homens e a crença de que as mulheres devem se concentrar em suas responsabilidades domésticas.

No Senegal, durante o século XX, as mulheres eram preparadas para se casar e cuidar da família, enquanto os homens eram vistos como provedores. A educação e o papel da mulher na África Ocidental, estão profundamente entrelaçados com questões de patriarcalismo, poligamia (influência muçulmana) e tradições familiares, isso se dá desde o início colonização francesa (século XVIII), durante o período colonial (XIX), perdurando durante o processo de independência (1960), Mendonça (2019). Embora as mulheres tenham lutado também pelo seu país, sua história, em geral, não é contada, são marginalizadas e silenciadas.

O Senegal está localizado na costa ocidental da África, e sua história se dá muito antes da chegada dos seus colonizadores, anteriormente a colonização, o que hoje chamamos de Senegal, possuía diversas sociedades e reinos, com suas próprias estruturas, tanto sociais, políticas e econômicas, assim como também diversos idiomas. Entre essas sociedades as que ganharam maiores destaques foram os Wolof, existindo entre os séculos XIV e XVI. Outra identidade cultural foram os Serer, que habitavam principalmente a região central do Senegal, com forte desenvolvimento na agricultura, principalmente com arroz. Os Toucouleur, nas margens do rio Senegal, possuíam grande habilidade no comércio transaariano. A economia do Senegal antes da invasão francesa era baseada principalmente na agricultura. E vale destacar que o Senegal era importantíssimo ponto de encontro para rotas comerciais que ligavam a África Ocidental, com o norte da África e também para com a Europa. Essas trocas comerciais não eram apenas para a agricultura, havia ali também a importação de sal, ouro, e também de pessoas escravizadas, sendo uma das principais cidades Saint Louis, segundo Diallo (2011).

As tradições orais, músicas e dança, representam a cultura senegalesa pré colonização francesa, com uma hierarquia social era bem definida, tendo nobres e líderes locais, que possuíam autoridade para com os camponeses como também para os artesãos, chamados de mornavas ou líderes tribais, que desenvolviam e mantinham suas alianças através do casamento, e tratados. Em grande parte do tempo havia diplomacia entre os reinos para que conflitos armados não ocorressem. Vale ressaltar que as estrutura políticas, econômicas, sociais, e culturais da África Ocidental, não são colocadas em apenas uma caixa única, “a diferentes impérios que se sucederam na região que são o império do Gana, do império do Mali e do império do Songai. Estes impérios se caracterizam pela descentralização de suas organizações políticas” (Diallo, 2011, p. 28).

Para Saraiva (1987, p.19) anteriormente a colonização, Gana, Songai e Mali, possuíam sociedades diferenciadas, como comunais, patriarcais, e também com forças produtivas

avançadas. Já para Diop (1987) essa divisão tinha como intuito principal que quem estivesse no poder se transformasse em um ditador ou absolutista.

> A sociedade africana pré-colonial dispunha um sistema equilibrado por um jogo de grupos de pressão que são entre outro a família, o calão, a tribo, as castas etc. (Decraene, 1978), sendo que cada grupo tinha peso específico e relativamente importante dentro da organização social. Nesta ótica, as estruturas sociopolíticas, econômicas e culturais bem como os Estados, que existiram na África ocidental em geral particularmente na região da Senegâmbia antes da chegada do colonizador, são diferentes dos estados coloniais, mas também dos atuais Estados modernos da região. (Diallo, 2011, p. 29)

A divisão no trabalho, segundo Wade (2005), na África Ocidental, percebe-se uma monopolização do trabalho, um mesmo profissional desempenhava diversas funções mesmo que fossem minimamente ligadas à sua especialização, segundo o mesmo autor a economia no Senegal antes da invasão francesa se dá em uma economia da oferta. Vale destacar que nesse período os chefes em África são representantes do povo e não estão acima do seu povo, priorizando a liberdade, solidariedade, até a chegada/ invasão dos europeus.

Ao analisarmos as questões das mulheres africanas antes do colonialismo francês, destaca-se que as sociedades eram predominantemente organizadas em sistemas de clãs e tribos, levando em consideração a linhagem e herança, significava que as ascendências, e propriedades eram transmitidas pela maternidade, dessa forma podemos notar que as mulheres desempenham papéis significativos na economia e na tomada de decisões nesse período.

A colonização francesa na África Ocidental começou no final do século XIX, e o atual território do Senegal foi um dos primeiros locais a ser colonizado. Quando o desejo dos europeus passa a ser muito além do que venda de seus produtos no território africano, passam a querer dominar e explorar não somente os territórios, mas as pessoas ali presentes, conseguindo matéria prima e mão de obra barata. Ribeiro (2007), expõe que a fase expansionista europeia em África, iniciou com o desejo de encontrar possíveis rotas para o oriente, e também usufruir do mercado consumidor de grãos, assim como dos produtores, causando impactos profundos na economia, política, cultura e sociedade local. Os primeiros europeus que chegaram no continente foram os portugueses, especificamente em Dakar e Goreé, no século XV, apesar de Dakar hoje ser a capital do país, a cidade Saint Louis, para Kaly (2006) possui grande destaque, já que a mesma era usada como ponto comercial, perdurando até 1638, marcando o início da colonização francesa.

Em busca de matérias primas para suas indústrias, a França em 1850, adota novas estratégias de ocupação e desenvolvimento. Logo em 1854, Faidherbe foi nomeado governador da possessão da África Ocidental Francesa, que passa a construir a cidade de Dakar, que tinha como intuito transferir a administração localizada na Ilha de Goreé para Dakar, com objetivo de

reduzir custos. A região denominada de Senegâmbia, localizada entre os rios Senegal e Gâmbia, tinha um equilíbrio político estabelecido por governantes locais, chamados de Mansas. Com a invasão dos portugueses neste local, se perde o equilíbrio comercial. Os europeus também estruturaram sistemas de governos em suas colônias, o que possibilitou que eles expusessem suas próprias regras.

Durante o século XIX, vários países europeus estavam competindo por colônias no continente africano, gerando uma rivalidade, o que levou a estabelecer regras para a divisão do continente, a qual é chamada de Conferência de Berlim em 1884-85[8]. Os europeus passam a dividir o continente entre si, sem considerar as realidades locais, as culturas ali já existentes, a economia, e estruturas sociais já estabelecidas, as decisões foram tomadas com base apenas nos interesses europeus.

A colonização resultou em uma ruptura significativa nas estruturas sociais da sociedade africana, as potências coloniais tomaram controle dos territórios, resultando na perda da soberania, um impacto profundo nas relações sociais e culturais dentro dessas comunidades. Outro ponto que se deve destacar é que ao dividir o continente pensando apenas em seus benefícios, os europeus modificaram a coesão social já existente, criando novas fronteiras que desconsideravam as realidades culturais e sociais locais, e como resultado desse processo segundo Diallo (2011) houve uma descontinuidade nas formações sócio-políticas e econômicas dos países africanos, apagando toda uma cultura e sociedade. A colonização também resultou na criação de novas hierarquias sociais que moldaram a formação das elites.

O processo de independência da África Ocidental perdurou por longos anos após o fim
Na Segunda Guerra Mundial (1939-45), inspirados no Pan- Africanismo, os líderes políticos africanos passaram a colocar em prática seus objetivos para a libertação colonial. Com isso, a Federação do Mali (1959-60) e a Confederação da Senegâmbia (1982-89), buscaram aderir a uma África unida, em parte responsáveis pela formação da África ocidental e especialmente o Senegal (Diallo, 2011).

A Federação do Mali (1959-60), surge como um passo estratégico para fortalecer os ideais de independência da África Ocidental, com essa união entre o Sudão francês hoje conhecido como Mali e a República do Senegal, se obteve uma luta mais ampla e preparada contra o domínio francês. Diallo destaca:

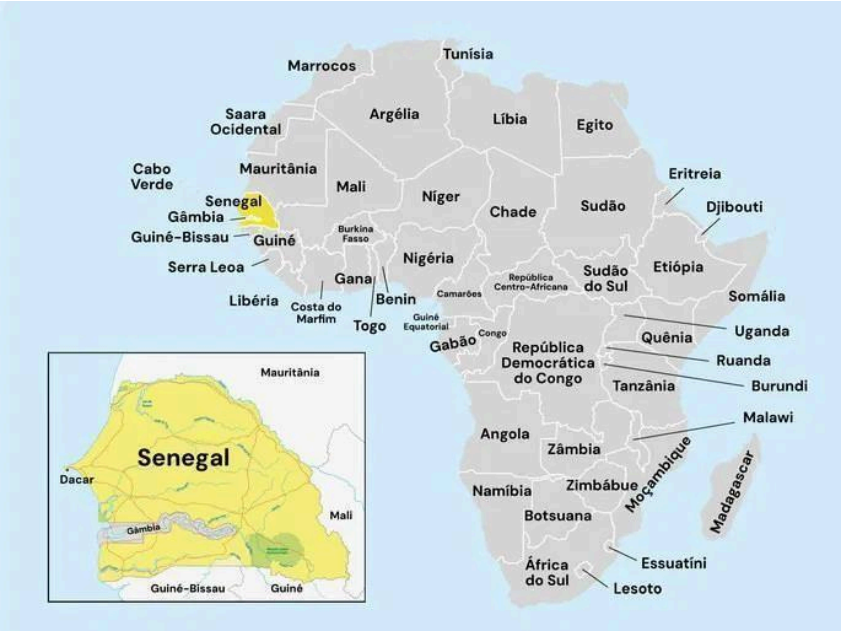
[8]Link da ata da Conferência de Berlim (1884-85).
Disponível em: https://mamapress.wordpress.com/wpcontent/uploads/2013/12/conf_berlim.pdf. Acesso em 29 out de 2024.

> Esta experiência federal apesar de breve, e, consequentemente pouco estudada, foi um dos elementos que ajudaram a acelerar os processos de independência dos países da África francófona e a formação do Estado nação nesta região. Isso mostra toda a relevância de se tratar deste assunto, quando se quer entender a formação do Estado na África ocidental e principalmente do Estado senegalês e das possibilidades de formação e consolidação de um estado supranacional na região pelas necessidades de segurança amplamente falando (Diallo, 2011, p.42).

Os líderes políticos africanos, quanto às negociações de independência divergiam, ou faziam uma aliança com a metrópole (França), para conseguir independência parcial, ou lutavam em busca de uma independência total, o que fez com que a Federação do Mali se dissipar tão rápido, pois seus principais líderes possuíam ideais contrários. De um lado tínhamos Leopold Sedar Senghor, soldado e político que embora possuía alguns vieses contraditórios foi um defensor da Federação, acreditava que "somente uma integração política poderia manter uma coesão territorial na África Ocidental Francesa" (Diallo,2011, p.53) inspirado no movimento Pan Africanista, e de outro Félix Houphouet Boigny que dizia que para a independência a África Ocidental precisaria se unir a França.

Ao falarmos especificamente da independência do Senegal, Léopold Sédar Senghor esteve presente, após o fim da Federação do Mali, em 1960, logo se tem a independência do Senegal, no entanto ainda estava vinculada a metrópole, onde segundo Diallo (2011), Sekou Tourè chamou de independência dentro da dependência. Senghor foi o primeiro presidente do Senegal, um contemporâneo de Mariama Bâ, além da luta pela independência, também esteve à frente dos movimentos de Negritude[7] em África, saindo da presidência somente em 1980, quando Abdou Diouf passou a ocupar o cargo.

Imagem 10: Mapa Senegal após independência - 1960



Disponível em: https://static.todamateria.com.br/upload/ma/pa/mapadosenegal-cke.jpg. Acesso em: 29 de set de 2024.

Após se o país se tornar independente, e com todos os movimentos de libertação ocorrendo, a vida política e social das mulheres senegalesas no século XX também passaram a ser questionadas, Senghor durante seu mandato implementou várias políticas que visavam integrar as mulheres senegalesas na política com incentivo à elas para a educação. Senghor buscava uma África unificada, enquanto Bâ através da literatura denunciava as desigualdades sociais e de gênero que ainda persistem na sociedade.

3. FAMÍLIAS: UM TEMA EM TELA NA ESCRITA DE MARIAMA BÂ

Uma família considerada tradicional senegalesa do século XX, era composta pelo pai, mãe, filhos e também por vezes pela segunda esposa, ou terceira, embora ambos não precisassem morar na mesma casa. Atualmente cerca de 90% da sociedade senegalesa é adepta da religião islâmica (Bampoky, 2017). O Alcorão, seu livro sagrado, diz que o homem tem o direito de ter até quatro mulheres, desde que possa sustentá-las e os filhos também (Bijos, 2020).

Mariama Bâ foi uma escritora, professora e ativista senegalesa que utilizou sua literatura como forma de denunciar as opressões vividas pelas mulheres em seu país. Nascida em 1929, em Dakar, foi uma das primeiras mulheres a publicar romances no Senegal, tornando-se referência para a literatura africana feminina. Em sua obra Uma carta tão longa, Bâ cria a protagonista Ramatoulaye, uma mulher que, por meio de cartas à amiga Aissatou, narra as dores, angústias, resistências e sonhos de quem viveu dentro de um casamento poligâmico, mas também de quem buscou sua autonomia como professora, mãe, viúva e amiga. Ramatoulaye representa milhares de mulheres senegalesas, e ao mesmo tempo carrega muitos aspectos biográficos da própria autora, que viveu em uma sociedade patriarcal e encontrou na escrita o espaço de libertação e denúncia.

Em seu livro Uma Carta Tão Longa (2023), Mariama Bâ aborda as complexidades das relações familiares no Senegal, a personagem principal Ramatoulaye em suas cartas enviadas a Aissatou, melhor amiga aborda questões culturais para com as mulheres a sua volta como para si mesma. Ela analisa as mulheres que decidem trabalhar fora, e aquelas que cuidam do lar, as que se casam por amor e as que são obrigadas, a relação entre a primeira esposa e a segunda esposa, a construção familiar tradicional, e como o patriarcalismo inserido nessa sociedade impossibilita a autonomia por completo feminina. Duas mulheres, duas protagonistas nesse enredo, que buscam problematizar a questão feminina no Senegal durante o século XX e as mais distintas relações familiares. O que é família para Ramatoulaye? O que é família para Aissatou? O que é família para Binetou? E para elas qual o papel da educação? Ramatoulaye escreve a Aissatou:

> E você partiu. Você teve a coragem inacreditável de se assumir. Você alugou uma casa e lá se instalou. E, em vez de olhar para trás, você mirou o futuro com obstinação. Você passou por um início difícil; e, mais do que a minha presença, os meus encorajamentos, os livros salvaram sua vida. Transformados em seu refúgio, eles a sustentaram. (Bâ, 2023, p.63)

Ao longo da literatura epistolar, a protagonista retrata a subordinação das mulheres para com os homens e como isso se dá em um contexto familiar. Durante o velório de seu marido Modou Fall ela precisou lidar com a segunda esposa, Binetou, a mãe da mesma encorajou Modou Fall a abandonar Ramatoulaye e seus doze filhos, depois de tri nta anos de casamento, para melhorar sua situação econômica.

Ramatoulaye não conseguiu se divorciar, estava com medo, embora os filhos tenham implorado para isso, e no velório como dito anteriormente precisou lidar com a segunda esposa, uma menina a qual ela se sente triste por odiar, já que aquela pequena jovem foi totalmente influenciada pela mãe para conseguir um futuro melhor. Daba filha de Ramatoulaye diz em conversa com sua mãe antes de saber que Binetou sua melhor amiga estava envolvida com seu pai: “Mãe! Binetou a contragosto, vai se casar com o “velho”. A mãe chorou tanto... Suplicou que ela lhes desse “um fim de vida feliz, em uma casa de verdade” que o homem lhes prometeu. Então, ela aceitou. (Bâ, 2023, p.68). As relações familiares trazidas por Mariama Bâ são complexas, e que os ensinamentos para as mulheres por muito tempo era para que não se casasse por amor, e sim com quem pudesse sustentá-la, ou fosse um homem de uma casta digna, passando de mãe para filha, já que trabalhar fora era somente para homens e seria vergonhoso precisar fazer o mesmo.

Ramatoulaye que estudou e era professora, e escolheu seu marido pensava ser uma mulher à frente do seu tempo, no entanto, após se casar passou a seguir as normativas da sociedade, a qual depois da morte do seu marido, notou como os dogmas familiares moldaram seu pensamento por anos. Quando viúva, ela passa a ter todas as obrigações antes feitas por Modou, como enfrentar filas para pagar contas, sendo a única mulher, e também cuidar das demais questões financeiras da casa, e de seus doze filhos. Sofrendo o preconceito de ser uma mulher sozinha ela recebe dois pedidos de casamento, a primeira pelo irmão de Modou seu cunhado, que por questões culturais islâmicas acredita que precisa se casar com Ramatoulaye, a mesma diz que não se casará com ele sem possuir sentimentos, trazendo como as mulheres são tratadas como acessórios. Ramatoulaye diz: “Você esquece que tenho um coração, uma razão, que não sou um objeto que passa de mão em mão. Você ignora que o casamento significa para mim: é um ato de fé e de amor, um presente de si ao ser que foi escolhido e que te escolheu. Enfatizei a palavra escolha” (Bâ, 2023, p.104).

O segundo pedido vem de Daouda, um amigo antigo, embora a protagonista nutrisse sentimentos pelo mesmo e seus ideais revolucionário e diz ainda lembrar de sua mãe dizendo que uma mulher deve se casar com o homem que a ama, nunca com o homem que ela ama, ele já era um homem casado e Ramatoulaye é contra a poligamia, negando seu pedido: “Abandonada ontem, pela ação de uma mulher, não consigo me introduzir alegremente entre você e sua família” (Bâ, 2023, p. 120), após recusar o pedido, Ramatoulaye sofreu duras críticas, mas segunda ela “mais uma vez, recusei-me a trocar meu ideal por um caminho de vida mais fácil” (Bâ, 2023, p.122).

E é nessa complexidade de fatos que a narrativa permeia na categoria familiar, onde os filhos protagonistas são retratados também e ambas suas histórias, Ramatoulaye precisa lidar com os problemas escolares de seu filho Mawdo Fall. Sobre os problemas escolares do filho ela declara:

> Mawdo Fall tem dons literários notáveis. Desde a sexta série, ele é o primeiro da classe nessa matéria; mas este ano, por uma maiúscula esquecida, vírgulas omitidas, uma palavra mal escrita, seu professor lhe retiraram um ou dois pontos. Consequentemente, Jean Claude, branco, sempre em segundo lugar, subiu para primeiro. O professor não tolera que um negro seja o primeiro em filosofia. E Mawdo Fall protesta. (Bâ, 2023, p.126).

Ela enfatiza a força de sua filha mais velha Daba, que possui um casamento igualitário, e como isso fez com que se tornasse uma mulher preparada para trabalhar e também cuidar da casa com a ajuda do seu marido. Sobre o casamento da filha ela relata: “Sinto amadurecer a ternura desse jovem casal, que é a imagem de casal como sonhei. Eles se identificam um com o outro” (Bâ, 2023, p.128).

Ramatoulaye também escreve em carta como lidou quando descobriu que suas filhas mais novas estavam fumando escondido, e como foi sua aceitação para que ambas usassem calças jeans.

> Eu julgava afrontoso o uso de calças quando não temos, em nossa constituição, o relevo pouco excessivo das ocidentais. As calças salientam as formas roliças das negras e enfatizam as curvas profundas da cintura. Mas eu havia cedido ao frenesi dessa moda que cercava e provocava, em vez de liberar. Minhas filhas queriam ‘estar na onda’, então eu tinha aceitado a entrada de calças nos guarda-roupas. (Bâ. 2023, p.133).

Ao trazer as dificuldades de uma mãe sozinha na criação dos filhos, a protagonista também recorda a sua amiga Aissatou, quando não conseguiu terminar suas orações porque seus filhos foram atropelados na rua. Segundo ela:

> A rua para as crianças, é o seu ambiente predileto. Quando tomam posse dela, nada mais importa. Correm por ela como diabos atrás da bola. Às vezes, o objeto de desejo é um trapo grosso, amarrado, arredondado. Que importa! O motorista só tem por refúgio seu freio” (Bâ, 2023, p.136).

Desafios maternais envolvem nossa protagonista, quando sua filha Aissatou, a qual havia homenageado com o nome de sua melhor amiga, estava grávida mesmo sem estar casada, enquanto ajudava a mãe a lidar com os problemas escolares, cigarros e calças jeans, possuía consigo outra questão muito difícil para uma mulher viúva no Senegal. Raiva e preocupações se misturam, Ramatoulaye sabia que antes de tudo precisava ficar ao lado de sua filha, como mãe e mulher. “E afinal, somos mães para compreender o inexplicável. Somos mães para iluminar as trevas. Somos mães para a ninhada, quando os relâmpagos riscam a noite, quando o trovão viola

a terra, quando a lama nos afunda. Somos mães para amar, sem início nem fim" (Bâ, 2023, p.144).

Essa mãe, sabia dos desafios e preconceitos que a filha sentiria, por isso tamanho desespero, não conseguiu conter as lágrimas enquanto sua filha esclarecia os fatos, pois ser uma mulher no Senegal não era fácil e ser uma mulher grávida e solteira seria terrível, para isso já organizou o casamento de sua filha com o pai do bebê que estava a caminho, embora lutasse para a libertação das mulheres sabia que não havia outro caminho para Aissatou. Ramatoulaye sentirá um grande alívio quando a filha declarou estar apaixonada, pois o casamento teria amor.

Pensar nas complexidades familiares não é uma tarefa fácil, Ramatoulaye uma mulher sensível, forte, mãe, educadora, apresentando valores tradicionais que se impactam com a modernidade. Recusou o divórcio, mesmo após Modou Fall a ter deixado com 12 crianças para ficar com uma mulher mais nova, nos mostrando como a cultura tradicional ainda permeia a vida dessas mulheres, assim como a religiosidade possui um impacto duradouro.

A poligamia, temática central desenvolvida na obra epistolar, e como os destinos das mulheres são traçados em torno de uma sociedade e família poligâmica. No romance, a poligamia não é trazida somente visando o lado patriarcal, e sim também as relações de classes econômicas, como no caso de Binetou, que aceitou se casar com o pai de sua amiga, influenciada pela mãe, para obter uma vida melhor, podendo se discutir como por vezes as mulheres tomam a iniciativa da poligamia, visando uma melhor situação econômica, como relata Mariama Bâ em entrevista:

> Há particularmente, agressões materiais, as da sociedade de consumo que fazem com que, as meninas muito cedo, queiram alcançar um nível extremo de riqueza: carro, casa de campo, roupas de moda, etc. Elas não hesitam em se casar com homens mais velhos do que elas, que já tem trinta filhos já. Por onde pode acabar um casamento tão díspar?" (Entrevista, AMINA, 1979).

Deste modo, a poligamia possui diversas faces a serem trabalhadas. Mariama Bâ, assim como a personagem principal de sua obra, disse em outra entrevista à Alioune Dia, também em 1979, que uma mulher dificilmente aceitar a poligamia de braços abertos e alegria, de algo estariam abdicando, em prol da tradição, família, religião, sociedade ou questões financeiras, desafios enfrentados pelas mulheres senegalesas, regados pela religião islâmica. Seguindo os ideais mulçumanos, enquanto viúva, Ramatoulaye deve seguir normas, durante seu luto, como dormir ao chão e evitar banhos, implorar pelo perdão dos pecados cometidos pelo seu marido, não usar palavras ofensivas, usar preto, praticar o isolamento por quatro meses e 10 dias. Mas, como uma mãe com doze filhos e casa para cuidar poderia praticar tal isolamento social? As viúvas, sem acesso aos bens do marido, rezando pelos seus pecados, a boa esposa, mesmo após sua morte.

Outra crítica trazida pela protagonista da obra, é que as mulheres não são um objeto a ser leiloada entre a família após a morte do seu marido, como quando seu cunhado pede para casar-se com ele, usufruindo do levirato, atribuído como forma de preservar a família e os bens herdados. Ramatoulaye vai dizer:

> Já teve afeição por seu irmão? Você quer construir uma casa nova sobre o seu corpo quente? Enquanto rezamos por Modou, você pensa em um futuro casamento. Você esquece que tenho um coração, uma razão, que eu não sou um objeto que pode ser passado de mão em mão, você ignora o que o casamento significa para mim (Bâ, 2023, p. 104.)

A família na obra é trazida de maneira profunda e diversificada, apresentando todas as complexidades, de cada classe ou casta, do homem e da mulher, e como a protagonista permeia entre suas aspirações individuais e suas tradições familiares.

4. ENTRE LETRAS E ESPERANÇAS: CAMINHOS DA EDUCAÇÃO FEMININA NO SENEGAL

"Meus filhos riem de mim. Eles acham engraçado que eu tenha começado a aprender nessa idade (39). Quando cometo erros, eles me corrigem, mas eu me sinto muito orgulhosa disso e não tenho nada a lamentar, nunca é tarde demais para aprender". É com essa frase dita por Astou Keita, estudante senegalesa, em entrevista realizada por Christin Roby em 2012[9], que começo este capítulo, buscando abordar a educação para as mulheres no Senegal.

Imagem 11: Astou Keita aprendendo na prática em sua escola.

[9] Fonte disponível em https://www.voanews.com/a/senegal-takes-tech-approach-womens-education/2470413.html. Acesso em 09 de jun de 2025.

Disponível em https://www.voanews.com/a/senegal-takes-tech-approach-womens-education/2470413.html.

Não podemos falar da educação para mulheres no Senegal, sem falar dos casamentos precoces, sendo um dos maiores fatores que contribuem para que as mulheres não frequentem escolas, apenas aprendam a ter bons modos e ser uma boa esposa, visando a manutenção da cultura tradicional.

> Nessa sociedade, a mulher é considerada como uma escrava, sujeita ao dispositivo conjugal e privada de todo direito. Além das tarefas domésticas, a mulher deve engravidar, dar à luz e educar as crianças, cujos primeiros passos estão, sem dúvida, sujeitos à governança e bondade maternas. É a este respeito que deve ser entendido, considerado e aceito o conceito de igualdade de gênero, tão almejada. Igualdade que não pode ser matemática, mas funcional. (MANÉ,148 2017).

Em 2015 uma pesquisa realizada pelo site "Meninas, não noivas", foram levantados os seguintes dados: "30% das meninas no Senegal se casam antes dos 18 anos e 9% se casam antes dos 15 anos, as taxas mais elevadas de casamento infantil encontram-se na parte sudeste do Senegal, em Tambacounda (57%), Kaffrine (59%), Kolda (68%) e Kédougou (72%), 1% dos meninos senegaleses se casam antes dos 18 anos"[10]. Segundo as mesmas estatísticas, o casamento precoce se dá por diversos motivos, como a pobreza, onde as mulheres são forçadas pelos seus pais a se casarem com alguém com alguma condição para sustentá-las,para que assim, possa livrar a família da miséria, mesmo que isso signifique ser a quarta esposa ou se casar com alguém, 20, 30, 40 anos mais velho. Outro ponto trazido pela pesquisa, é a gravidez antes do casamento, toda mulher que engravidar e estiver solteira deverá cumprir com seu dever

[10] Too Many, *Perfil do país: MGF no Senegal,* 2015. Disponível em: https://www.girlsnotbrides.org/learning-resources/child-marriage-atlas/atlas/senegal/. Acesso em 09 de jun de 2025.

matrimonial, ou será uma desonra para a família e sociedade. Ainda, o fator educacional, meninas com apenas o ensino fundamental ou menos possuem mais chances de se casar cedo, do que meninas que passam a ter um curso superior.

Segundo relatórios extraídos pela UNESCO em 2022, e publicados no site [11]*country economy,* " Senegal tem, segundo a UNESCO, uma taxa de alfabetização de adultos de 57,67%. Enquanto a taxa de alfabetização masculina é de 69,06%, a feminina é de 47,08%, demonstrando uma grande diferença entre os sexos".

Imagem 12 - tabela taxa de alfabetização no Senegal 2022.

[11] *Country economy* - dados UNESCO, 2022. Disponível em https://countryeconomy.com/demography/literacy-rate/senegal. Acesso em: 09 de jun de 2025.

Senegal - Taxa de alfabetização						
Data	Taxa de alfabetização de mulheres adultas	Taxa de alfabetização de adultos do sexo masculino	Taxa de alfabetização de adultos	Taxa de alfabetização de adultos 15-24 mulheres	Taxa de alfabetização de adultos 15-24 homens	Taxa de alfabetização de adultos de 15 a 24 anos
2022	47,08%	69,06%	57,67%	75,22%	81,01%	78,14%
2019				64,74%	75,56%	68,28%
2017	39,80%	64,81%	51,90%	63,50%	75,58%	69,48%
2014				51,06%	63,45%	57,29%
2013	33,76%	53,90%	43,53%	51,15%	62,83%	56,94%
2011	40,25%	66,04%	51,81%	58,74%	73,73%	65,78%
2009	37,42%	59,78%	48,04%	54,62%	72,50%	63,35%
2006	32,99%	52,26%	41,89%	44,54%	58,13%	50,85%
2005				34,01%	57,43%	46,13%
2002	29,25%	51,05%	39,28%	40,97%	58,49%	49,12%
1988	17,86%	36,90%	26,87%	28,03%	49,13%	37,87%

Country economy - dados UNESCO, 2022.
Disponível em https://countryeconomy.com/demography/literacy-rate/senegal.
Acesso em Acesso em 09 de jun de 2025.

Para entender mais sobre as questões educacionais no Senegal, busquei diversas entrevistas, onde poderia ouvir mulheres de diferentes classes sobre o que elas pensam a respeito, e como no dia a dia essas dificuldades, sociais, religiosas, políticas e econômicas afetam sua vida, deste modo no decorrer da primeira parte deste capítulo abordarei suas falas, contextualizando com Mariama Bâ considera pioneira na literatura e educação feminina,e na segunda parte abordo as problemáticas de gênero em sua obra Uma Carta Tão Longa (2023).

4.1 Sussurros e cantos do feminino

O Projeto Clementinas (2011), produzido por Carol Misoreli e Marília Scharlach, brasileiras, que buscaram no Senegal trazer as vivências de mulheres reais, que lidam com a cultura tradicional do casamento, com a poligamia e o seu papel dentro dessa sociedade. e aquelas mulheres que como Mariama Bâ, buscaram para além do lar, com destaque para as vozes de Aïssatou Cissé e Mariama Faye.

Aïssatou Cissé, escritora romancista senegalesa, em entrevista relata que seu primeiro ato revolucionário se deu dentro da escola que frequentava, onde em um dia qualquer, ela e sua melhor amiga Milka, revoltarem-se contra o fato de que só as meninas limpavam as salas, enquanto os meninos não. Milka, viera a falecer após se casar forçadamente, por motivos não relatados.

Imagem 13: Aïssatou Cissé

Fonte: https://africultures.com/personnes/?no=12830.

Mariama Faye, na mesma entrevista, relata que seus pais sempre a educaram com liberdade, com cinco irmãos o tratamento era igual para meninos e meninas, passou seus primeiros onze anos entre Brasil, Costa do Marfim e Inglaterra. O pai era um diplomata e a mãe engenheira, quando completou onze anos de idade a família decidiu voltar para o Senegal, ela relata que a partir disso a liberdade que tinha mudou, as roupas não poderiam ser as mesmas, não poderia mais brincar com seus irmãos ou tornar-se-ia masculina e ninguém iria querer se casar com ela. Mas, o que mais marcou sua vida é a história de sua melhor amiga Aminitá, que foi obrigada a se casar com 19 anos de idade, com um primo distante da França escolhido pela família, dois anos depois o divórcio aconteceu e ela descobriu que a amiga estava sofrendo de anorexia, então ela diz: "nunca deixaria ninguém determinar minha conduta, mesmo se for para o meu bem. Afinal, quem é melhor do que eu para julgar o que é melhor para mim?" [12].

Imagem 14: Mariama Faye

[12] Citação retirada da entrevista feita pelo Projeto Clementinas (2011).
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i8Wuk-yRWAU&list=WL&index=45 . Acesso em: 09 de jun de 2025.

Fonte:https://etoileafricaine.com/mariama-faye-kane-une-carriere-dediee-a-laccompagnement-professionnel/.

Para Vincent Makori, em entrevista no ano de 2017, a presidente do Conselho do Sindicato Nacional de Professores de Uganda (UNATU), educadora e defensoras dos direitos humanos Teopista Birungi Mayanja, aborda a educação no Senegal para mulheres, para ela, um dos principais desafios que essas meninas encontram é a pobreza, as normas culturais, os estereótipos, a violência sexual em casa, a caminho da escola, dentro e ao redor da escola, gravidez na adolescência, e ela esclarece que todos esses fatores estão interligados. Questionada de como esses problemas seriam resolvidos, ela esclarece que o governo e as comunidades precisam incluir políticas públicas.

Imagem 15: Teopista Birungi Mayanja

Fonte:https://educationcommission.org/updates/commissioner-teopista-birungi-mayanja-receives-ugandan-high-honor/.

Rata Barry, 12 anos, em entrevista para o Voice of america de 2010[13], relata que casou e continua a frequentar a escola, mas que ao sair para almoçar precisa fazer seus deveres da casa, e até não terminar não pode voltar. Os professores de Barry e de outras meninas dizem que o casamento e a gravidez embora não oficializem a saída das escolas já está pré-determinado, já que para essas meninas, fica muito mais difícil, pois precisam cuidar do lar, zelar pelo seu marido e filhos, ser uma boa esposa e mãe. Também é relatado na entrevista que as famílias tradicionais veem a educação para meninas como uma ameaça à cultura, mas a pobreza é o ponto principal que impossibilita os estudos, pois se uma família tem tudo que precisa para viver, as meninas podem ir as escolas, não precisam se casar precocemente, segundo um dos professores entrevistados.

Outro documentário publicizado pela UNESCO em 2020, no seu projeto *"Africa is our priority"*[14], Astou Sagna, mulher, senegalesa e inspirada em Mariama Bâ, buscou depoimentos de várias mulheres, inclusive estudantes da escola que leva o nome de Mariama Bâ, visando a educação e a literatura como chaves principais para a liberdade feminina.

Astou Sagna, diz: "minha paixão é a literatura, estou sempre com sede de ler e viajar, descobrir outras eras, lugares e acima de tudo construir um relacionamento íntimo com os que eu

[13] Entrevista disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jPiRjAeU9zM&list=WL&index=46. Acesso em: 09 de jun de 2025.
[14] Documentário disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BwoF5-mHbQw&list=WL&index=33. Acesso em: 09 de jun de 2025.

chamo de amigos de papel”[15]. A autora Mariama Bâ é uma de suas maiores inspirações na busca por outros lugares à mulher na sociedade. No mesmo e breve documentário, relatos da filha de Bâ, Mame Coumba Ndiaye são trazidos, onde esclarece que “Uma carta tão longa” foi inspirada em mulheres com histórias reais que cercavam sua mãe. Ao visitar a escola Mariama Bâ, Sagna conversa com as estudantes do local, que trazem relatos sobre a importância de se estudar ali, e que sentem Bâ presente em todas as paredes e salas. Uma das entrevistadas diz: “ela pegou a caneta e ela mesmo escreveu e defendeu os valores das mulheres”.

Seguindo a roda de conversas interativas, outra aluna diz que Mariama Bâ falou quando muitas não conseguiam. A educação surge como ponto fundamental, mas os desafios para que as mulheres consigam alcançá-la também são relatados, pois não são definidas em apenas um termo, elas permeiam entre ser filhas, mães, esposas, sogras, avós, estudantes, revolucionárias, donas do lar, viúvas, segundas esposas, e ser mulher.

Imagem 16: Astou Sagna.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=BwoF5-mHbQw&list=WL&index=33.

A Poligamia dentro das literaturas africanas veem como um campo de luta e reinvenção dessas mulheres denunciado a opressão, resistindo e redefinindo o papel da mulher dentro da sociedade, assim como na obra “Uma Carta Tão Longa” de Mariama Bâ, (2023), pode-se notar as

[15] Documentário disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BwoF5-mHbQw&list=WL&index=33. Acesso em 09 de jun de 2025.

mesmas denúncias em outras literaturas, como em *Niketche: uma história de poligamia* (2002) escrito por Paulina Chiziane a partir do contexto Moçambicano,, *The Secret Lives of Baba Segi's Wives* (2010) de Lola Shoneyin da Nigéria, Lola Shoneyin e *Sua Excelência, de corpo presente* (2018) de angolano Pepetela.

Doris Wieser, em sua obra *Declinações: gênero e nação nas literaturas e culturas africanas de língua portuguesa* (2022) analisa a poligamia nos quatro romances citados acima, ela vai dizer que a poligamia não é um simples tema e sim quando presente em uma obra literária surge como uma arma política. Ao analisar "Uma Carta Tão Longa" de Mariama Bâ, Wieser destaca como a protagonista Ramatoulaye, mesmo seguindo sua religião devotamente, ela passa a questionar os impactos causados pela poligamia sob as mulheres, ela ressalva: "não se opõe à tradição em si, mas ao sofrimento que ela impõe às mulheres" (Wieser, 2022, p. 144). Também analisa a obra "*Niketche: uma história de poligamia*" (2002), ela observa que a personagem principal Rami, quando descobre as demais esposas de seu marido busca formas de conviver com tal tradição, formando vínculos com as demais mulheres, com um espírito de solidariedade feminina e alianças, e destaca: "Rami transforma a descoberta das outras esposas numa oportunidade para forjar alianças femininas que desestabilizam o poder patriarcal" (Wieser, 2022, p. 148).

Wieser, possui uma abordagem pós-colonial e busca a interseccionalidade feminina quando trata a poligamia, para repensarmos os conceitos sem nos atentarmos a conceitos ocidentais, onde a poligamia é trazida apenas como opressiva, e não como uma forma de resistência dentro de uma sociedade tradicional. Ela destaca que as literaturas africanas "recusam o discurso eurocêntrico que associa a poligamia exclusivamente à opressão, propondo em seu lugar uma crítica situada e culturalmente enraizada" (Wieser, 2022, p. 142).

Além de gênero, a autora também propõe que se faça uma leitura da poligamia como representação da nação, como no caso da obra "*Sua Excelência, de corpo presente*, de Pepetela" (2018), a poligamia está diretamente associada, a questões políticas, onde o governante demostra a partir de seu poder, o patriarcalismo, e o controle dos corpos, principalmente das mulheres. "A poligamia, nas literaturas africanas, opera como metáfora da nação: um espaço de disputa, pluralidade e hierarquia" (Wieser, 2022, p. 160).

Assim como Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí, Doris Wieser estimula uma investigação da poligamia através de dinâmicas locais, e as estratégias de resistência femininas, assim como a política presente nas narrativas. "A poligamia torna-se assim um campo de luta pela emancipação feminina e pela reconfiguração da comunidade nacional no contexto pós-colonial africano" (Wieser, 2022, p. 140).

Chimamanda Ngozi Adichie em sua obra *Sejamos todos feministas* (2015), embora também critique o colonialismo e as opressões específicas vividas pelas mulheres africanas, adota um tom mais universalista e normativo, onde ela afirma que toda desigualdade de gênero é injusta, independente da cultura, onde se deve ter o cuidado para não normalizar as formas de opressão e patriarcalismo, enfatizando que a educação feminina é a chave para a mudança, desde a educação primária, onde os ensinamentos repassados para as meninas devem mudar (Adichie, 2015, p. 34).

4.2 Ramatoulaye: uma personagem para pensarmos gênero em África

A literatura como um todo transmite a cultura de um povo e nos permite reconhecer fatos no tempo histórico em que ela foi construída, permitindo o leitor a viajar, questionar, contemplar, absorver diferentes culturas e modos de vida, onde a ficção e a realidade se interligam, ou não. “Uma Carta Tão Longa” nos convida a conhecer Ramatoulaye, Aïssatou **e** outras mulheres.

Ramatoulaye, mulher, professora, cinquenta anos de idade, mãe de doze filhos que criou sozinha, doce, sensata, paciente, muçulmana, permeando entre o tradicionalismo e a modernidade: ser professora emancipada, ser a boa esposa a qual o marido deixou para ficar com Binetou. Binetou, a segunda esposa.

Ramatoulaye recusando-se a divorciar pelo amor que sente pelos filhos e os resquícios sentimentais pelo marido Modou Fall. Modou Fall não conseguiu ter uma vida longa e faleceu logo após o casamento com a jovem segunda esposa, em seu velório, Ramatoulaye diz sobre seguir sendo uma mulher devota e dedicada à família: “Espero cumprir bem minhas obrigações. Meu coração age conforme as exigências religiosas. Nutrida desde a infância em suas fontes rígidas, creio que não falharei” (Bâ, 2023, p.20).

Após a morte do marido ela decidiu relembrar e escrever à sua melhor amiga Aïssatou tudo que já lhe aconteceu por ser uma mulher. As cartas endereçadas a Aïssatou para de alguma forma aliviar seu peito que ousava falar. Já Aïssatou era representação de ruptura, cresceram juntas e com a mesma educação e ambas casaram por amor. Aïssatou sofreu com os preconceitos vindos da sogra que a menosprezava por ser de uma casta inferior, seu pai um joalheiro, uma das castas no Senegal, que dependia do trabalho manual. Também precisou lidar com a poligamia, motivo de seu divórcio, pois não suportou tais atitudes do marido, e com um bilhete escrito a mão que repousou sobre a mesa, o deixou e levou consigo seus quatro filhos, malas e sonhos para outro país. Para Ramatoulaye a melhor amiga era símbolo da liberdade inspiradora, o que ela não teve coragem.

Mariama Bâ concede as suas personagens diferentes funções, a mãe, esposa, sogra, militante política e social, a professora, a esposa traída, a viúva amorosa e o corpo leiloado. A seguir abordo algumas facetas de Ramatoulaye.

4.2.1 A viúva

Enlutada, cumprindo os rituais religiosos com os quarenta dias de reclusão, ao mesmo tempo que observa a hipocrisia, questionando mentalmente tudo aquilo que a cercava.

> Com as costas apoiadas em almofadas, os joelhos esticados e a cabeça coberta por um tecido negro, vou acompanhando as idas e vindas. À minha frente, uma peneira de palha nova, comprada para a ocasião, recebe as primeiras doações. A presença da coesposa ao meu lado me irrita. Instalaram-na em minha casa, conforme a tradição, para os funerais. A cada hora que passa, seu rosto fica mais encovado, as olheiras aumentam, revelando olhos imensos e bonitos que se fecham e se abrem em seus segredos; arrependimentos, talvez. No tempo do riso e da despreocupação, no tempo do amor, a tristeza agora pesa sobre esta criança. (Bâ, 2023, p. 11-12).

Os elogios ao marido lhe ferem, ela sabe que na sua morte o que ele merecia eram boas palavras, no entanto sua dor é menosprezada, antes e depois da morte. “Modou, bom irmão, bom marido, bom mulçumano. Que Deus o perdoe” (Bâ, 2023, p.13).

4.2.2 A mãe

A preocupação constante com o futuro dos doze filhos não sai de sua mente. Ela precisa educá-los, protegê-los e prepará-los para o mundo, principalmente as meninas, pois a sociedade não seria justa com elas, a relação é única com cada um de seus filhos, e para ela a educação é bem mais precioso que possa entregar aos filhos.

> Sempre digo aos meus filhos: vocês são alunos mantidos por seus pais. Trabalhem para merecer o sacrifício deles. Estudem em vez de contestar. Uma vez adultos, para que seus pontos de vista tenham crédito, devem emanar um saber sancionado por diplomas. O diploma não é um mito. Certamente não é tudo. Mas coroa um saber, um trabalho. Amanhã, coloquem no poder quem quiserem, quem for conveniente. Será a escolha de vocês que mudará este país, e não a nossa. (Bâ, 2023, p.127).

Em *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, a escritora, psicóloga e artista interdisciplinar Grada Kilomba (2019), afirma que, ao longo da história, pessoas negras foram impedidas de escrever sobre si e quando o fizeram, suas vozes foram sistematicamente invalidadas, exotizadas ou traduzidas pelos padrões brancos de leitura. “Quem pode falar? O que pode ser dito? E quando? E como? Estas são perguntas centrais que delineiam os contornos do que podemos nomear como produção de conhecimento” (Kilomba, 2019, p. 15). Essa pergunta “Quem pode falar?”, se aplica à figura da mãe negra dentro de contextos patriarcais e poligâmicos, onde a mulher é frequentemente reduzida a um papel funcional: gerar filhos, cuidar do lar, servir ao homem.

Nesse sentido, a mulher-mãe é objeto de reprodução, mas raramente reconhecida como sujeito de desejo, pensamento ou autonomia. Kilomba também analisa em sua obra como a linguagem para com as mães gera um trauma, sendo sempre a " outra", "a coesposa", "a mãe do filho de fulano", ou seja: sempre a partir de uma relação de posse masculina, nunca de um ponto de partida particular, onde a maternidade é tratada como mais um símbolo de poder patriarcal, exercendo o controle sobre o corpo feminino, e isso nos deixa claro que devemos entender a maternidade em sistemas poligâmicos e patriarcais não apenas como um dado cultural ou funcional, mas como um campo de tensão política. Um espaço onde a mulher negra luta para ser reconhecida como sujeito de sua história, e não apenas como instrumento de reprodução ou propriedade de um homem. "Escrever, para mim, é uma forma de me tornar sujeito. É uma forma de reivindicar o meu lugar no mundo" (Kilomba, 2019, p. 22).

Para se pensar as questões da maternidade bell hooks (2013) traz a educação como um espaço de libertação e resistência, especialmente para os sujeitos marginalizados pelo racismo, sexismo e classismo. Onde para ela, educar é um ato político, dessa forma reescrever o papel maternal, onde a mulher deixe de ser propriedade e passe a ser sujeito, dessa forma as mulheres/mães podem se reconhecer como intelectuais do cotidiano, como pensadoras da vida e não apenas como cuidadoras ou reprodutoras.

4.2.3 A amiga

As cartas trocadas com Aïssatou surgem como um refúgio para aquela mulher que antes fora uma menina, que sonhava e idealizava a vida perfeita, e a amizade resistente à distância entre essas duas mulheres, é como um sopro de ar puro quando não se pode mais respirar. Ramatoulaye escreve:

> O importante não será percebido em nosso corpo. O essencial é o que está em nosso coração, que é o que nos anima; o essencial é a qualidade da seiva que nos inunda. Muitas vezes você me provou a superioridade da amizade sobre o amor. O tempo e a distância, assim como as lembranças comuns, consolidaram nossos laços e tornaram nossos filhos irmãos e irmãs. Juntas, nos livraremos de nossas flores murchas ou enterraremos novas sementes para novas colheitas? (Bâ, 2023, p.126).

A amizade entre Ramatoulaye e Aïssatou é marcada por uma forma de sororidade que não se limita à empatia, mas atua como prática social de cuidado e autoconstrução. Ambas foram traídas por maridos que aderiram ao sistema poligâmico, e cada uma responde de maneira distinta: Aïssatou rompe com o casamento; Ramatoulaye permanece, mas reflete criticamente sobre sua escolha. Em ambos os casos, o que as sustenta é a amizade, que oferece um espelho não julgador, mas consciente. A amizade entre mulheres é frequentemente subestimada na

tradição literária ocidental, mas nas literaturas africanas escritas por mulheres, ela emerge como elemento central de transformação subjetiva e social. Como observa Cherekhar (2022), a amizade entre as duas mulheres é um pacto de dignidade e memória compartilhada. Essa escrita não visa apenas aliviar o trauma, mas construir um espaço onde a protagonista rearticula o sentido de sua existência para além das estruturas patriarcais.

4.2.4 A professora

Como poderia uma mulher trabalhar para além de seu lar? Por que não preferir a vida cômoda em suas casas? Ramatoulaye questionada o tempo todo por tal escolha, criticada quando após a morte do seu marido recusou-se a se casar com outro homem, pois o mesmo a teria como segunda esposa, e ela não compreendia como uma mulher poderia trair outra mulher, logo estaria traindo a si mesma, jamais se casaria com quem tirasse sua liberdade, seu trabalho, sua vida novamente. E quando uma mulher decide pela solitude, será alvo da sociedade.

> Vá explicar que uma mulher que trabalha não é menos responsável pela própria casa. Vá explicar que nada funciona se você não descer à arena, verificar tudo, e muitas vezes refazer tudo: limpar, cozinhar, passar roupas, as crianças para banhar, o marido para cuidar. A mulher que trabalha tem cargas duplas, igualmente fatigantes, tarefas que ela tenta conciliar. E como conciliá-las? Está aí todo um saber que diferencia os lares. (Bâ, 2023, p. 42).

bell hooks ressalta que a educação tem um papel fundamental na libertação dessas mulheres, onde ela entende a educação como um ato político, profundamente imbricado nas relações de poder e nas estruturas sociais. O sistema educacional tradicional muitas vezes reforça a dominação, o racismo, o sexismo e outras formas de opressão. Para romper com isso, é preciso uma pedagogia crítica, que desperte a consciência crítica e incentive a resistência e a transformação social. Entender a educação como um ato político, profundamente imbricado nas relações de poder e nas estruturas sociais.

4.2.5 Por entre silêncios, elas semearam

A partir da análise desenvolvida ao longo deste capítulo, torna-se evidente que a educação para mulheres no Senegal está inserida em um contexto sociocultural marcado por profundas desigualdades de gênero, econômicas e políticas. Questões como os casamentos precoces, a poligamia, a violência simbólica e estrutural, bem como a reprodução de papéis tradicionais atribuídos às mulheres, configura barreiras significativas à plena emancipação feminina. No entanto, como demonstrado pelas falas das entrevistadas e pelas trajetórias das

personagens da obra aqui analisada, tais obstáculos não anulam a agência das mulheres, que resistem, reinventam-se e constroem caminhos de autonomia e ruptura.

A literatura de Mariama Bâ, ao lado de outras autoras africanas e afro-diaspóricas como Paulina Chiziane, Lola Shoneyin e Grada Kilomba, oferece não apenas um espaço de denúncia, mas também de elaboração crítica das subjetividades femininas em meio às contradições de suas realidades. Como argumenta Wieser (2022), a poligamia, longe de ser apenas uma prática opressora, também pode operar como metáfora política e espaço de resistência, permitindo reinterpretações culturais enraizadas e não submetidas a leituras eurocêntricas.

Nesse sentido, a figura de Ramatoulaye — professora, mãe, viúva, amiga e escritora de si — representa um ponto de inflexão entre o tradicional e o moderno. Sua escrita epistolar direcionada à amiga Aïssatou revela uma rede de solidariedade feminina que ultrapassa a dor e se torna prática social de reconstrução subjetiva. Como afirma Kilomba (2019, p. 22): “Escrever, para mim, é uma forma de me tornar sujeito. É uma forma de reivindicar o meu lugar no mundo”.

Além disso, a educação surge como eixo estruturante não apenas da trajetória pessoal das personagens, mas da própria possibilidade de transformação social. A esse respeito, hooks (2013, p. 25) afirma: “A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”. Tal perspectiva é especialmente potente quando aplicada às mulheres africanas, historicamente silenciadas e confinadas a papéis sociais rígidos.

> Meu coração se alegra toda vez que uma mulher sai das sombras. Sei que as conquistas são um terreno movediço, a sobrevivência das conquistas é difícil. Instrumentos para uns; iscas para outros; respeitadas ou menosprezadas, frequentemente amordaçadas, todas as mulheres têm quase o mesmo destino que as religiões ou legislações abusivas cimentaram (Bâ, 2023, p. 155).

Deste modo, o acesso à educação, aliado à valorização das vozes e experiências das mulheres africanas, constitui um dos caminhos mais eficazes para desestabilizar as estruturas patriarcais e promover a equidade de gênero. Ao iluminar essas histórias, reafirma-se a potência da escuta, da leitura e da escrita como ferramentas de resistência, memória e reexistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a narrativa epistolar da obra *Uma Carta Tão Longa* (2023), de Mariama Bâ, à luz das complexas relações de gênero, tradição, religiosidade e educação no Senegal do século XX. Ao longo do trabalho, buscou-se compreender como a literatura africana escrita por mulheres pode constituir-se como um espaço de denúncia e resistência, especialmente diante de estruturas patriarcais consolidadas tanto na cultura tradicional quanto nas imposições do colonialismo francês e da religião islâmica. Através da análise da trajetória de vida de Mariama Bâ, sua atuação como educadora, ativista e escritora, e da construção simbólica de sua personagem Ramatoulaye, foi possível evidenciar como a escrita se configura como uma poderosa ferramenta de expressão e emancipação feminina.

A narrativa epistolar presente na obra possibilita ao leitor uma imersão íntima nos sentimentos, nas contradições e nas resistências da protagonista. Ramatoulaye, mulher, professora, mãe, amiga e viúva, se vê confrontada pelas normas de uma sociedade que a marginaliza enquanto tenta manter a dignidade e a integridade frente às imposições culturais, religiosas e familiares. Seu relato, embora profundamente pessoal, é atravessado por questões universais relacionadas à luta das mulheres africanas por reconhecimento, liberdade e autonomia. Ao colocar sua dor, suas reflexões e suas recusas no papel, Ramatoulaye não apenas compartilha sua vivência com a amiga Aissatou, mas também com todas as mulheres que, como ela, buscam voz em contextos de silenciamento estrutural.

A obra de Mariama Bâ evidencia que a luta das mulheres africanas não pode ser compreendida a partir de um feminismo homogêneo ou universalizante. A partir da perspectiva crítica de Oyèrónkẹ Oyěwùmí, compreende-se que o gênero é uma construção social e cultural que assume formas diferentes de acordo com o contexto em que se insere. Nesse sentido, a luta de Ramatoulaye, assim como a de tantas outras mulheres senegalesas, precisa ser lida dentro das especificidades de sua sociedade, onde elementos como a poligamia, o levirato, a maternidade e a religiosidade têm implicações distintas das encontradas em outras partes do mundo. Ao tencionar os limites do feminismo ocidental, a narrativa de Bâ nos convida a repensar as múltiplas formas de resistência e as possibilidades de emancipação feminina fora dos moldes hegemônicos.

Além disso, a presente pesquisa também demonstrou a relevância da educação como caminho de ruptura e transformação. A trajetória de Mariama Bâ como educadora e seu comprometimento com a alfabetização e o empoderamento das mulheres refletem-se diretamente em sua obra, sobretudo na valorização da instrução como instrumento de autonomia. Em *Uma Carta Tão Longa*, a educação aparece como um bem precioso, desejado por muitas mulheres,

mas ainda inacessível para grande parte delas. O depoimento de Ramatoulaye sobre sua filha Daba e a importância dos livros para Aissatou revelam que o saber pode ser tanto refúgio quanto arma de luta. Nesse sentido, a literatura, enquanto prática pedagógica e política, assume lugar central na construção de um projeto de futuro mais justo e igualitário.

Ao longo deste trabalho de conclusão de curso, buscou-se também lançar um olhar atento sobre a realidade histórica e cultural do Senegal, destacando como a colonização e a imposição de valores ocidentais transformaram estruturas locais e impactaram diretamente as experiências das mulheres no século XX. A escolha da narrativa de Mariama Bâ se mostrou acertada por seu potencial de fazer dialogar história, literatura e subjetividade. Através de sua escrita, Bâ inscreve as mulheres africanas no campo da memória e da representação, criando um espaço de pertencimento e visibilidade para vozes antes marginalizadas.

Por fim, este trabalho reafirma a importância de se estudar e valorizar a literatura africana de autoria feminina como fonte legítima de produção de conhecimento histórico, político e social. Que a obra de Mariama Bâ continue a inspirar outras mulheres, leitoras, educadoras, pesquisadoras a romperem com os silêncios impostos, a contarem suas próprias histórias e a transformarem o mundo com suas palavras.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AG ADNANE, Mahfouz. Pular sob o rolo compressor: sobre a resistência Kel Tamacheque à agressão colonial francesa (1881–1919). Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/download/93687/54522/399188. Acesso em: 20 nov. 2024.

ANDRADE, Mariana Romling Rotheia. A condição sociocultural da mulher senegalesa em *Une si longue lettre*, de Mariama Bâ. Disponível em: http://site.conpedi.org.br/publicacoes/rg86465t/cfh3f1t6/14rBVGjRlqxmrSg7.pdf. Acesso em: 23 nov. 2024.

BÂ, Mariama. *Uma carta tão longa*. Tradução de Marina Bueno de Carvalho. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2023.

BAMISILE, Sunday Adetunji. Questões de gênero e da escrita no feminino na literatura africana contemporânea e da diáspora africana. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/handle/10451/8699?locale=en. Acesso em: 28 out. 2024.

BAMPOKY, P. Emancipar-se numa sociedade poligâmica: uma análise de *Une si longue lettre*, de Mariama Bâ. *Mulemba*, v. 14, n. 26, p. 47–64, 5 ago. 2022. Disponível em: https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistaalpha/article/view/4872/2598. Acesso em: 20 out. 2024.

BRAGA, Manuel Maria. Senegal: um país na fronteira de vários mundos. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/2427/1/CEA_OP12_Braga_Senegal.pdf. Acesso em: 20 nov. 2024.

CHEREKHAR, Jayant S. Female Solidarity in Mariama Ba's *So Long a Letter*. *International Interdisciplinary Research Journal*, v. 12, n. 3, 2022.

FARIAS, Juliana Barreto. Um novo cativeiro? O fim do tráfico de escravizados e os *engagés* à tempos no Senegal (1817–1848). Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/44962/26892/195916. Acesso em: 23 nov. 2024.

GOMES, Antonieta Rosa. O conflito de Casamansa e as relações de poder na Senegâmbia: Senegal, Guiné-Bissau e Gâmbia. Disponível em: https://journals.openedition.org/cea/pdf/4592. Acesso em: 25 nov. 2024.

GREEN, Toby. *Situando a África Ocidental pré-colonial na história econômica global*. *A fistful of shells: West Africa from the rise of the slave trade to the age of revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 2019. 614 p. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/46499/25540/185190. Acesso em: 20 nov. 2024.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

I CONGRESSO CRIM/UFMG INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS. Disponível em: http://site.conpedi.org.br/publicacoes/rg86465t/cfh3f1t6/14rBVGjRlqxmrSg7.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

LOIOLA, Ana Luísa Melo. Feminismo e poligamia no Senegal pós-colônia: uma investigação acerca da obra *Une si longue lettre*, de Mariama Bâ. [S.l.: s.n.], 2019. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/27621/1/2019_AnaLuisaMeloLoiola_tcc.pdf. Acesso em: 20 nov. 2024.

MACEDO, José Rivair. Antigas civilizações africanas: historiografia e evidências documentais. Disponível em: https://books.scielo.org/id/yf4cf/pdf/macedo-9788538603832-02.pdf. Acesso em: 25 nov. 2024.

MACEDO, José Rivair. *Desvendando a história da África*. Disponível em: https://static.scielo.org/scielobooks/yf4cf/pdf/macedo-9788538603832.pdf. Acesso em: 25 nov. 2024.

MARTINS, C. Polifonias femininas das poligamias: concerto ou desconcerto? *Riwan ou Le chemin de sable*, de Ken Bugul (Senegal), e *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina

Chiziane (Moçambique). Disponível em: https://www.academia.edu/24658047. Acesso em: 24 out. 2024.

MBOW, Penda. Disponível em: https://www.ufrgs.br/africanas/penda-mbow-1955/. Acesso em: 20 nov. 2024.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. A descolonização da África: nacionalismo e socialismo. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/download/158261/153444/350585. Acesso em: 22 nov. 2024.

MOTA, Thiago Henrique. *História atlântica da islamização na África Ocidental: Senegâmbia, séculos XVI e XVII*. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOSB24JZ4/1/ppghistoria_thiagohenriquemota_tese doutorado.pdf#page194. Acesso em: 25 nov. 2024.

OS DESAFIOS DO FEMINISMO NO SENEGAL. Disponível em: https://movimentorevista.com.br/2023/03/os-desafios-do-feminismo-no-senegal/. Acesso em: 20 nov. 2024.

OLIVEIRA, Alexandra Almeida de; CAMARGO, Goiandira Ortiz de; HUMBLÉ, Philippe. Algumas considerações acerca da configuração temporal em *Une si longue lettre*, de Mariama Bâ. Disponível em: https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/guara/article/view/13782. Acesso em: 28 out. 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. Conceitualizando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Disponível em: <oyèrónké_oyěwùmí_-_conceitualizando_o_gênero._os_fundamentos_eurocêntrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf>. Acesso em: 28 out. 2024.

PALUMA, Vânia Carolina Gonçalves. Identidade, memória e autoficção em *Une si longue lettre*, de Mariama Bâ. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/31789/4/IdentidadeMem%C3%B3riaAutofic%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 12 nov. 2024.

POLIGAMIA em *Une si longue lettre* e *Niketche: uma história de poligamia*. Marina Bueno de Carvalho. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/193979/179327. Acesso em: 28 out. 2024.

SCHÖLL, Camille Johann. Entre Senghor e Cheikh Anta, entre a história e a nação: uma reflexão sobre a ideia de um estado federal para a "África Negra". Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/ars/article/download/46498/25076. Acesso em: 25 nov. 2024.

SCHOLL, Camille Johann. Léopold Sédar Senghor em perspectiva: entre a ideia de descolonização e os partidos políticos, entre a negritude e a mestiçagem (1945–1960). Disponível em: https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/download/74490/43140. Acesso em:25 nov 2024.